

**M i s s ã o**  
**Reflexões acerca de uma**  
**Dimensão fundamental da Economia da Salvação,**  
**da Igreja e da Existência cristã**

*Summary*

*In this article, the author investigates the theological reality of mission in Sacred Scripture and in recent magisterial documents since the Second Vatican Council. He shows that the concept of “mission” is a fundamental dimension in the history of all of creation and of salvation, of the life of the Church, and of the life of every Christian. As such, during the pontificate of John Paul II, the concept of mission came increasingly to the forefront.*

*In chapter I, the concept of mission is explained, beginning with the Greek and Latin etymology and the use of the corresponding words in Sacred Scripture. The term reaches its full theological meaning in the context of Trinitarian theology (St. Thomas Aquinas).*

*The second chapter is about mission in Sacred Scripture (especially the Old Testament). It quotes and comments upon fundamental biblical statements about the mission of man (according to Gen 1-2), of the Holy Angels, and of the major prophets. Already in the Old Testament, mission from God depends upon a word. The connection between word and mission is a preparation for the Word’s incarnation; all missions of Angels and men are in a certain sense ordered towards the incarnation of the Word.*

*Chapter III reflects upon mission in the New Testament, where mission gains new depth through the missions of the Second and Third Divine Persons at the fullness of time, namely of the only begotten Son of the Father and of His Spirit. The author shows in detail how the incarnate Son of God understood and lived His mission on earth, as well as how he trained his disciples for their great coming mission. The mission of the Apostles, which was given through the risen Lord and in the power of the Holy Spirit, is presented differently according to the testimony of the four Gospels.*

*From the Apostles mission is passed on to the whole Church, as chapter IV explains. The bearer of this mission, which finds its clearest expression in the mission ad gentes, is the whole people of God. From the mission decree of the Second Vatican Council, to Evangelii Nuntiandi (1975) and Redemptoris Missio (1990), there is a progressive deepening and development of in the Church's mission theology, which, until now, reaches its peak (mission, dialogue, communion) in the post-synodal apostolic exhortation Ecclesia in Africa (1999).*

*Chapter V is about mission "in" the Church, how it takes different forms in the hierarchy (bishops, priests, diacons), among the laity (marriage and family also) and among the consecrated (especially religious). The teaching of Vatican II made clear, before all else, that not only the mission of the hierarchy, but also that of the laity (through the sacraments of Baptism and Confirmation) and that of consecrated persons (through religious profession) comes from God through Jesus Christ, in the Holy Spirit. This occurs always through the mediation of the Church, and always within the Communio Ecclesiae (which is true for the bishops also). The vocation and mission of consecrated persons in the Church has found its unmatched magisterial description and exposition, until now, in the post-synodal exhortation Vita Consecrata.*

*Chapter VI synthesizes the most important statements of the article and ends with a view of the fulfillment, at the end of time, of the missions of both God and His creatures in the Ecclesia consummata. The Angel uses the image of the New Jerusalem (Rev 21) to show forth this mystery, which is realized by the missions described in last book of the New Testament.*

\* \* \*

## Introdução

Nas últimas décadas, o conceito de "missão" apareceu, com crescente frequência e acentuação, tanto nos documentos do Magistério como na ciência teológica. Isto aponta para uma consciencialização e para um aprofundamento, embora às vezes possa levar a interpretações teológicas errôneas, de uma realidade fundamental da vida eclesial, ou mais ainda, de toda a história da criação e da salvação.

Para indicar o mundo invisível dos espíritos puros, que foi criado no início do tempo, a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja não conhecem uma melhor designação do que ἄγγελος, *angelus*, “Anjo”, pois

por todo o seu ser, os Anjos são *servidores* e mensageiros de Deus, porque contemplam “constantemente a face de Meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10), são “poderosos executores de Sua palavra, obedientes ao som de Sua palavra” (Sl 103,20).<sup>1</sup>

Esta afirmação concorda com o testemunho neo-testamentário, que caracteriza todos os Anjos como “espíritos ao serviço” de Deus, “que lhes confia *missões* para o bem daqueles que devem herdar a salvação” (Hb 1,14).

A Igreja da Nova Aliança é “edificad[a] sobre o fundamento dos Apóstolos e profetas” (Ef 2,20). Mesmo na sua perfeição celestial como Nova Jerusalém, estão inscritos simbolicamente nos fundamentos “os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro” (Ap 21,14). O próprio Senhor chamou os Doze de ἀπόστολοι, *apostoli*, “apóstolos” (cf. Lc 6,12), “para ficar em Sua companhia. Ele os *enviaria* a pregar” (Mc 3,14-15; cf. Mt 10,1.5). Segundo a sua natureza intrínseca, a Igreja “edificada” sobre o fundamento dos Apóstolos é “enviada”, assim como o seu fundador e Cabeça Jesus Cristo, o Filho unigênito do Eterno Pai, é “enviado” a este mundo (cf. Jo 3,17; 10,36). No Seu nome “Messias” - “Cristo” une-se o conceito da “unção” com o da “missão” (cf. At 10,38 e *Cat.* 436-438).

O conceito de “missão” tem caracterizado progressivamente a temática e o conteúdo do anúncio do Magistério eclesiástico, como se pôde constatar no longo pontificado do servo de Deus, o Papa João Paulo II. A primeira exortação pós-sinodal *Familiaris consortio* (de 22 de novembro de 1981) menciona no título “a *função* da família cristã no mundo de hoje”. Já o próximo sínodo do ano 1983 tem como tema “A reconciliação e a penitência na *missão* da Igreja hoje”,<sup>2</sup> seguido por aquele “sobre a vocação e *missão* dos leigos na Igreja e no mundo” (1987).<sup>3</sup> A esta pers-

<sup>1</sup> *Catecismo da Igreja Católica* (= *Cat.*), n. 329.

<sup>2</sup> O Sínodo dos Bispos sobre a família realizou-se em setembro/outubro de 1980; o Sínodo dos Bispos sobre a reconciliação e a penitência realizou-se três anos mais tarde (a exortação apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et paenitentia* apareceu em 2 de dezembro de 1984).

<sup>3</sup> A exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* de 30 de dezembro de 1988 leva este mesmo título.

pectiva corresponde a temática do sínodo do ano 1994 “sobre a vida consagrada e a sua *missão* na Igreja e no mundo”.<sup>4</sup>

No entanto, o conceito de “missão” não se restringe à Igreja peregrina. A exortação apostólica *Redemptoris custos* de 15 de agosto de 1989 aponta para “a figura e *missão* de São José na vida de Cristo e da Igreja”.<sup>5</sup> O próprio ser enviado da Igreja que está a caminho encontra sua expressão mais nítida na “*missio ad gentes*”, na atividade missionária no sentido mais estrito. Após o respectivo decreto do Concílio Vaticano Segundo *Ad gentes* e a exortação apostólica do Papa Paulo VI *Evangelii nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo (de 8 de dezembro de 1975), o Papa João Paulo II acentuou e aprofundou a dimensão da missão na sua encíclica *Redemptoris missio* de 7 de dezembro de 1990<sup>6</sup>. A Igreja não é somente entendida como “enviada” por Cristo, mas como sinal e instrumento da missão do próprio Redentor que Cristo continua no Espírito Santo por meio da Igreja no mundo e aperfeiçoa até o fim dos tempos. Neste sentido, o mesmo Papa formulou também o tema de um dos grandes sínodos continentais, que foram convocados em preparação do Grande Jubileu do ano 2000: o sínodo do ano 1998 deliberou, de fato, “sobre Jesus Cristo Salvador e a *Sua missão* de amor e serviço na Ásia”.<sup>7</sup>

Ainda que, no início do terceiro milênio, o conceito de “missão” não apareça explicitamente nos títulos dos grandes documentos daquele pontificado, a exortação programática *Novo millennio ineunte* de 6 de janeiro de 2001 escolhe uma palavra de Jesus no Evangelho, que coloca a Igreja inteira sob a dinâmica da sua missão salvífica recebida do Senhor: “*Duc in altum!*” (*Lc* 5,4).<sup>8</sup> Também na última encíclica deste Papa da

---

<sup>4</sup> Veja-se referente a isto a exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (= VC).

<sup>5</sup> A encíclica mariana *Redemptoris mater* de 25 de março de 1987 tem como tema “a Bem Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho”.

<sup>6</sup> = RM.

<sup>7</sup> Este é também o título da Exortação pós-sinodal *Ecclesia in Asia* de 9 de novembro de 1999. Naturalmente, também não falta nos outros sínodos continentais e subsequentes exortações esta dimensão da missão. Encontramo-la – sob um outro nome – no tema da assembleia especial do Sínodo dos Bispos para a África (10 de abril a 8 de maio de 1994) e no documento pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (14 de setembro de 1995) “sobre a Igreja em África e a sua *missão evangelizadora* rumo ao ano 2000”. No documento pós-sinodal *Ecclesia in America* (22 de janeiro de 1999), o último capítulo (VI.) trata da “missão da Igreja na América atual” (n. 66-74).

Quinta-feira Santa do ano 2003, é abordada a relação íntima entre Eucaristia e missão na Igreja,<sup>9</sup> baseada na doutrina do Concílio Vaticano II.<sup>10</sup>

A seguir refletimos sobre a missão como dimensão essencial e fundamental de toda a economia salvífica, da vida eclesial e de cada existência cristã na perspectiva teológica e espiritual, partindo da Palavra de Deus escrita e contida na Tradição, como é interpretada autenticamente pelo Magistério vivo da Igreja. Após uma breve explicação do termo e conceito teológico da “missão” (I), versaremos sobre o seu significado na Sagrada Escritura, a saber, primeiro no Antigo Testamento (II), depois na Nova Aliança (III). A partir de aqui abre-se a missão como dimensão original da Igreja, ou seja, de todo o povo de Deus (IV), que depois se concretiza, em diversos modos, nos grandes estados e formas de vida da Igreja (V), sempre sob a ação do Espírito Santo, que “guia a [Igreja] com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os Seus frutos”, levando-a finalmente “à união perfeita com o seu Esposo” (LG 4) como Nova Jerusalém (VI).

## I. Termo e Conceito da “Missão”

O nome “apóstolo” vem da palavra grega *ἀπόστολος*, em uso na Septuaginta e no Novo Testamento, cuja forma verbal é *ἀποστέλλω*. A palavra grega *στέλλω* ou *στέλλομαι* recebe, através dos respectivos prefixos, diversas nuances no sentido, como p. ex.: pôr em ordem, completar, equipar, vestir, despachar, ou seja, preparar para a viagem. Desta palavra derivam-se três substantivos:

- 1) *στόλος* - equipamento (de uma expedição militar), campanha, viagem;
- 2) *στολή* - armadura, vestido<sup>11</sup>, também: encargo, carta;

---

<sup>8</sup> Veja: Exortação apostólica *Novo millennio ineunte* para o encerramento do Grande Jubileu do ano 2000, 6 de janeiro de 2001 (= NMI), esp. 15, 38, 58-59; também 40-41 e 54-56.

<sup>9</sup> JOÃO PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* de 17 de abril de 2003, esp. 20, 22 e 60.

<sup>10</sup> Veja: Constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (= SC), 10; Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* (= LG), 3; Decreto sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes *Presbyterorum Ordinis* (= PO), n. 5 (parágrafo 2) e 6 (parágrafo 5).

<sup>11</sup> A palavra *στολή*, em latim *stola*, após o século XII, designa geralmente no Ocidente a insígnia característica dos diáconos, presbíteros e bispos, ao passo que no Oriente

3) στάλ-μα - (com os prefixos επι-, δια-, απο-) encargo público.<sup>12</sup>

A expressão ἀποστέλλειν com o significado básico de “expedir, remeter” no uso da língua grega profana recebeu, através do prefixo, “uma acentuação mais pronunciada rumo à orientação para a meta e à tensão para a meta”.<sup>13</sup> É também distinta da expressão πέμπειν - esta significa “enviar” no sentido da transmissão de um objeto ou da missão de uma pessoa - pelo fato de “que a missão sucede sob um aspecto todo determinado, único e singular”, e também tem o sentido secundário “no qual a missão ao mesmo tempo significa um *encargo*, ligado à pessoa do enviado”.<sup>14</sup> Na Septuaginta, ἀποστέλλειν aparece mais do que 700 vezes;<sup>15</sup> no Novo Testamento cerca de 135 vezes, e nomeadamente, na maioria dos casos nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos (só 12 vezes fora destes escritos neo-testamentários).

No Novo Testamento é usada também a expressão πέμπειν, a saber, cerca de 80 vezes, das quais, no Evangelho de João, 33 vezes.<sup>16</sup> A palavra grega significa “mandar, enviar, escoltar, acompanhar”, também “mandar buscar, ir procurar alguém”. Desta palavra derivam-se os substantivos:

1) πομπή - missão, escolta, cortejo (daí vem a palavra latina “*pompa*”)<sup>17</sup>;

---

conserva a designação original ὀράριον - *orarium* (no sentido de oração). A mudança terminológica implicou também um significado novo, a saber, relativo ao múnus de pregar (*orare* no sentido de “falar”). Rhabanus Maurus explica assim a insígnia: “Hoc genere vestis solummodo eis personis uti est concessum, quibus *praedicandi officium* est delegatum. Bene autem *oratoribus* Christi *orarium* habere convenit” (*De Institutione clericorum libri tres*, lib. 1, cap. 19); cf. Mario RIGHETTI, *Storia liturgica*, vol. I. *Introduzione generale*, terza edizione riveduta e ampliata, Milano 1964, 621-625; Ludwig EISENHOFER, *Handbuch der katholischen Liturgik*, Band 1. *Allgemeine Liturgik*, Freiburg i. Br. 1932, 453-457).

<sup>12</sup> Cf. Hjalmar FRISK, *Griechisches etymologisches Wörterbuch*, vol. II, Heidelberg 1970, 786-788.

<sup>13</sup> Gerhard KITTEL, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, vol. I, Stuttgart – Berlin – Köln 1990 (reimpressão inalterada da edição 1933-1979), 397.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> Cf. KITTEL, *ibidem*, 399-402.

<sup>16</sup> Cf. KITTEL, *ibidem*, 402-406; ref. a ἀπόστολος veja 406-446, ref. a ἀποστολή veja 447-448.

<sup>17</sup> “*Pompa*” significa: desfile, procissão, sumptuosidade, ostentação, fausto (cf. A. WALDE, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, 3ª edição revisada por J. B. HOFMANN, Band II, Heidelberg 1954, 334).

2) πομπός - guarda, portador de uma mensagem (também como adjetivo: portando uma notícia);

3) πέμψις - despacho.<sup>18</sup>

O substantivo latino “*missio*” tem a forma verbal “*mittere*”, que significa: soltar, lançar, arrojado, mandar, enviar”. No significado último (de “mandar”) a palavra foi suplantada por “*transmittere*” e pelo mais recente “*mandare, inviare*”. A palavra “Missa”, em uso desde há muito tempo para a celebração eucarística, significa originalmente: “demissão”.<sup>19</sup> O “*Ite, missa est*” encerra o sacrifício eucarístico no rito Romano.<sup>20</sup> Neste, o carácter da missão é expresso na primeira palavra “*ite*”.<sup>21</sup>

“Missão” no sentido mais elementar implica um movimento local ou um deslocamento. Esse significado manifesta-se ainda no verbo “en-viar”, ou seja, mandar para um caminho. O termo português “en-viar” inclui em si a palavra “via” com o significado de “caminho/via”; significa: expedir, remeter, *encaminhar*.<sup>22</sup> Daqui deriva “*viaticum*” – “referente à viagem”, também “dinheiro para a viagem”, e “*viator*” - viandante, emissário.<sup>23</sup> No uso da língua cristã-eclesiástica, “*viator*” tornou-se a designação para a pessoa em condição de vida terrestre enquanto peregrinação e caminhada para a vida eterna, enquanto o “*viaticum*” significa o viático eucarístico sacramental para os moribundos.

O significado de “missão” é explicado por Santo Tomás, com a clareza e exatidão que são próprias deste santo doutor da Igreja, no contexto das missões divinas:

O conceito de missão implica uma dupla relação (*habitus*): a do enviado com quem o envia, e a do enviado com o fim para o qual (*terminus ad quem*)

<sup>18</sup> Cf. H. FRISK, *Griechisches etymologisches Wörterbuch*, II, 502-503.

<sup>19</sup> Cf. A. WALDE - J.B. HOFMANN, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, II, 97-99.

<sup>20</sup> Cf. Josef Andreas JUNGSMANN, *Missarum sollemnia. Eine genetische Erklärung der römischen Messe*, II, Freiburg i. Br. 1952, 535-541; Mario RIGHETTI, *Manuale di storia liturgica*, III. *La Messa, Commento storico-liturgico alla luce del Concilio Vaticano II*, Milano <sup>3</sup>1988, 534-536.

<sup>21</sup> Veja a ordem da missão de Jesus em *Mt* 28,19 (“*Ide, pois, a todas as nações*”) e *Mc* 16,15 (“*Ide por todo o mundo*”, com v. 20). Referente à conexão lingüística de “missa” e “missão” veja: Antônio Geraldo da CUNHA: *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, Rio de Janeiro <sup>2</sup>1982, 524.

<sup>22</sup> Cf. CUNHA, *Dicionário etimológico*, 304.

<sup>23</sup> Cf. A. WALDE - J.B. HOFMANN, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, II, 778-779.

é enviado. Ora, o fato de alguém ser enviado indica que, de alguma maneira, o enviado procede daquele que o envia (*processio quaedam missi a mittente*), seja por um *mandato* (*secundum imperium*) ... seja por uma *origem* (*secundum originem*). Indica também a relação com o fim para o qual é enviado. Trata-se de aí começar a estar, de algum modo; seja porque antes nunca estivera lá para onde é enviado; seja porque começa a estar aí de um modo distinto do que antes estivera.<sup>24</sup>

No caso de missões de criaturas, o enviado pode, no “fim” da missão, tornar-se “operante” ou “ativo” de um modo novo: ajudando, curando, anunciando, reinando como soberano, etc.

## II. “Missão” na Sagrada Escritura (especialmente no Antigo Testamento)

Pesquisando o conceito de “missão” na Sagrada Escritura, encontra-se já no Antigo Testamento uma abundância, quase inexaurível, de afirmações: Deus envia Suas criaturas, sobretudo Anjos e homens (em certo modo também coisas materiais), Seu Espírito, Sua graça e, antes de tudo, Sua palavra. Todas estas missões desembocam, finalmente, na missão do Filho de Deus e na do Espírito Santo, das quais procede a missão da Igreja.

Neste capítulo queremos meditar sobre o conceito e a realidade da missão (principalmente, mas não exclusivamente) em base do Antigo Testamento.

### 1. A Missão do Homem (Gn 1-2)

A primeira missão dentro da tríplice criação – céu (mundo angélico), terra (cosmos) e homem (cf. *Cat.* 327) – que a Sagrada Escritura relata, dirige-se ao homem, depois de Deus o ter criado à Sua imagem e semelhança (*Gn* 1,27), para reinar sobre toda a terra, isto é, a criação visível, (cf. *Gn* 1,26). No final deste sexto dia de criação, está escrito:

Deus os abençoou (homem e mulher): “Frutificai,” disse Ele, “e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.” (*Gn* 1,28)

Ainda que aqui o termo de “missão” não seja usado explicitamente, não

---

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO, *Summa theol.* I, q. 43, a. 1.



obstante, Deus dá um encargo, uma missão que abrange toda a criação visível (a “terra”), depois de Ele ter abençoado o homem.

O encargo divino: “Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra” dirige-se ao homem e à mulher (cf. *Gn* 1,27b), cuja comunhão íntima é o tema do segundo capítulo do Gênesis (veja *Gn* 2,21-24). O destino da mulher como “ajuda” do homem que lhe seja adequada (*Gn* 2,18.20b) refere-se à missão original do homem. Também esta dimensão de sua missão – como a bênção de Deus exposta na Carta aos Efésios – tem sua origem e seu cumprimento último no Homem-Deus Jesus Cristo: “Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois constituirão uma só carne. Este mistério é grande, quero dizer, com referência a Cristo e à Igreja” (*Ef* 5,31-32). João antevê este cumprimento nas núpcias eternas do Cordeiro com Sua Esposa, a Igreja aperfeiçoada (cf. *Ap* 19,7-9), a Nova Jerusalém, que leva dentro de si o novo céu e a nova terra (cf. *Ap* 21,1-3).<sup>25</sup>

A missão original do homem implica “reinar” sobre a criação visível. Mais tarde, no livro da Sabedoria, é descrita assim: “Por Vossa sabedoria, formastes o homem para ser o senhor de todas as vossas criaturas, governar o mundo na santidade e na justiça, e proferir seu julgamento na retidão de sua alma” (*Sb* 9,2-3). Para isso, o homem recebe a bênção de Deus, cuja origem e, ao mesmo tempo, fim último se revela na Nova Aliança: Deus Pai

... do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo, e nos escolheu n’Ele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de Seus olhos. No Seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos Seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de Sua livre vontade. ... Nesse Filho, pelo Seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da Sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência. Ele nos manifestou o misterioso desígnio de Sua vontade ... de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. (*Ef* 1,3-10)

Isto já está contido na primeira bênção de Deus, com a qual o Criador envia o homem sobre a terra para “reinar” sobre ela.

Ainda no contexto da criação do primeiro homem, esta missão é concretizada ulteriormente. Depois que o Senhor Deus formara o homem do

---

<sup>25</sup> O resumo mais recente da fé e doutrina da Igreja acerca deste tema encontra-se na carta da Congregação para a Doutrina da Fé aos Bispos *sobre a colaboração de homem e mulher na Igreja e no mundo* de 31 de maio de 2004.

barro da terra e inspirara-lhe na face um sopro de vida (cf. *Gn 2,7* com *1Cor 15,45*), “colocou” o homem no recinto sagrado do Paraíso (cf. *Gn 2,8*) – primeira “morada de Deus entre os homens” (cf. *Ap 22,2.14*) – para “cultivá-lo e guardá-lo” (*Gn 2,15*). E Deus conferiu-lhe a força intelectual para conhecer todas as criaturas segundo a sua natureza e pôr-lhes nomes (veja *Gn 2,19-20a*).

## 2. Missão dos Anjos

O conceito de “missão” é ainda mais marcado nos santos Anjos do que nos homens. Como observa o Papa Gregório Magno, a palavra ἄγγελος, *angelus*, “Anjo” designa sua tarefa, que é transmitir uma mensagem.<sup>26</sup> Assim já o nome destas criaturas puras está relacionado com o conceito e a realidade da “missão”, com a qual o Antigo Testamento termina: “Vou mandar o Meu mensageiro” (*Ml 3,1*) – e no início da Nova Aliança de Deus com os homens “o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem”, para lhe anunciar a mensagem da Encarnação do Filho de Deus (*Lc 1,26-35*).

Pode-se dizer: sempre quando os santos Anjos se manifestam ou – invisivelmente – atuam na criação e história da salvação, são “enviados” por Deus. Isto começa já no Paraíso, do qual os primeiros pais foram expulsos depois da sua queda: o Senhor Deus “colocou ao oriente do jardim do Éden querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (*Gn 3,24*). Os primeiros homens foram infiéis à sua missão recebida de Deus, e a sua descendência sempre continuava a ser predisposta ao “non serviam” (cf. *Jr 2,20*). Não foi assim com os santos Anjos, sobre os quais lemos no Livro dos Salmos: “Bendizei ao Senhor todos os Seus Anjos, valentes heróis que cumpris Suas ordens, sempre dóceis à Sua palavra” (*Sl 103,20-21*). Igualmente dos Salmos vem aquela imagem impressionante da missão e obediência dos santos Anjos: “Ele faz dos Seus Anjos sopros de vento e dos Seus ministros chamas de fogo” (*Hb 1,7*; cf. *Sl 104,4G*). E numa forma semelhante, estes seres poderosos e fortes aparecem também no Apocalipse: os sete espíritos

---

<sup>26</sup> *Homilia (in Evangelia)*, lib. 2, hom. 34, cap. 8 (cf. leitura dos Padres da Igreja do Ofício de Leitura romana para o dia 29 de setembro). “Anjo”, segundo Sto. Agostinho, “é designação de encargo, não de natureza. Se perguntares pela designação da natureza, é um espírito; se perguntares pelo encargo, é um Anjo: é espírito por aquilo que é, é Anjo por aquilo que faz” (*Enarratio in Psalmum 103, 1, 15, em: Cat. 329*).

diante do trono de Deus (veja *Ap* 1,4) são “sete tochas de fogo” (*Ap* 4,5), a saber, “os sete Espíritos de Deus, *enviados* por toda a terra” (*Ap* 5,6). Nestes Anjos unem-se no lugar mais alto – “diante do trono de Deus” – a adoração de Deus com a missão.<sup>27</sup>

Como a missão da criatura humana, assim também todas as missões dos santos Anjos estão orientadas a nosso Senhor Jesus Cristo (cf. *Cat.* 331-333). Os sete espíritos diante do trono de Deus são os “sete olhos do Cordeiro” (*Ap* 5,6).<sup>28</sup> O Filho do Homem, no fim do tempo, “enviará Seus Anjos, que retirarão de Seu Reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal” (*Mt* 13,41) e finalmente voltará como Juiz dos vivos e dos mortos “e todos os Anjos com Ele” (*Mt* 25,31). Até este tempo, todas as missões dos Anjos são para nossa salvação: “Não são todos os Anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação?” (*Hb* 1,14). Isto começa já na Antiga Aliança, em cujo início está a palavra de Deus: “Vou *enviar* um Anjo adiante de ti para te proteger no caminho e para te conduzir ao lugar que te preparei. Está de sobreaviso em sua presença, e ouve o que ele te diz, ... porque Meu nome está nele” (*Ex* 23,20-21). Servem à nossa salvação também missões de Anjos que, por ordem de Deus, castigam o homem que pecou contra Deus. Pensemos, por exemplo, no Rei Davi, que, após o recenseamento, se submete contritamente ao julgamento de Deus (veja *1Cr* 21,1.7.13-20), ou no sacerdote Zacarias que, por causa de sua incredulidade e dúvida, é castigado pelo Anjo Gabriel com a mudez (veja *Lc* 1,19-20.63-64).

A missão decisiva na plenitude dos tempos, a Anunciação da Encarnação do Filho de Deus, é outra vez confiada a um santo Anjo: “No sexto mês, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem ...” (*Lc* 1,26-27). Foi o mesmo Anjo que outrora instruiu o profeta Daniel sobre os mistérios da vindoura Encarnação e Redenção (veja esp. *Dn* 7,9 e 12).

---

<sup>27</sup> Veja também *Tb* 12,15: “Eu sou o Anjo Rafael, um dos sete que assistimos na presença do Senhor”.

<sup>28</sup> Esta interpretação resulta diretamente do texto, a saber, em correspondência a *Zc* 4,10. De igual modo pode-se associar os sete Espíritos com os sete “chifres” do Cordeiro. Os “chifres” são símbolo do poder do Cordeiro, que unicamente pode abrir os sete sigilos do livro, como os olhos são o símbolo de Sua onisciência (cf. William WAGNER, *The Mission of the Holy Angels in the Economy of Salvation*, 1984, p. 49 com nota 254, p. 124).

### 3. Missão e Palavra

O Antigo Testamento fala também de “missões” de criaturas materiais e de anjos caídos. “Um vento *mandado* pelo Senhor, vindo das bandas do mar, trouxe consigo codornizes” (*Nm* 11,31; serpentes ardentes: *Nm* 21,6; luz: *Bar* 3,33; cf. também *Sl* 105,28.32.40). O mau espírito que atormentou o Rei Saul veio de Deus (veja *ISm* 16,14-15; cf. 18,20; 19,9). Aconteceu no tempo dos Juízes quando “reinou Abimelec sobre Israel durante três anos. E Deus *suscitou* um mau espírito entre ele e os habitantes de Siquém, que os fez se revoltarem” (*Jz* 9,22-23; *IRs* 22,21-23: espírito de mentira). Em qual sentido tais “missões” podem ser atribuídas a Deus, não vamos investigar aqui. Sem dúvida, por detrás destes acontecimentos atribuídos a Deus está a Sua vontade; porém a esta não corresponde, da parte das criaturas, uma obediência voluntária no espírito de serviço: no caso da natureza material é porque não tem vontade livre (e nem um conhecimento adequado); no caso dos espíritos malignos, é porque o princípio do seu agir é o “*non serviam*” (como no caso do homem desobediente). Na maioria destes casos trata-se de “permissões” de Deus, que deixa atuar Anjos e homens, mas, na Sua sabedoria imperscrutável, também coloca as ações dos Seus adversários (criaturas) ao serviço dos Seus conselhos salvíficos (cf. *At* 4,27-28; *Ap* 17,17).

Quase sempre uma missão provinda de Deus ou através de Deus mesmo é ligada com a palavra. “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e pelo sopro de Sua boca todo o Seu exército” (*Sl* 33,6); e por esta razão, também os santos Anjos são “dóceis à Sua *palavra*” (*Sl* 103,20). Quando Deus coloca a criação material no Seu serviço, isto também se realiza através da palavra:

*Envia as Suas ordens à terra, e a Sua palavra corre velozmente. ... Atira o Seu granizo como migalhas de pão, diante de Seu frio as águas se congelam. Envia a Sua palavra e elas se derretem; faz soprar o vento e as águas correm de novo. (Sl 147,15-18)*

Lança o relâmpago e o faz brilhar, o chama e ele, bramindo, obedece. Brilham em seus postos as estrelas e se alegram; e as chama, e respondem: Aqui estamos. E jubilosas refulgem para o Seu criador. (*Bar* 3,33-35)

Criar, conservar e enviar têm sua raiz na palavra de Deus que “outrora falou aos nossos pais pelos profetas”, por último, porém, “por Seu Filho, pelo qual criou todas as coisas. Esplendor da glória (de Deus) e imagem do Seu ser, sustenta o universo com o poder da Sua palavra (*verbo virtutis Suae*)” (*Hb* 1,1-3).

A palavra não é só expressão da vontade divina para a missão mas é “enviada” ela mesma. No Antigo Testamento isto é pronunciado, talvez de modo mais nítido, no profeta Isaías:

Tal como a chuva e a neve caem do céu e para lá não voltam sem ter regado a terra, sem a ter fecundado, e feito germinar as plantas, ... assim acontece à palavra que Minha boca profere: não volta sem ter produzido seu efeito, sem ter executado Minha vontade e cumprido *sua missão*. (Is 55,10-11)

Dependentemente do “efeito” da palavra enviada por Deus, a Sagrada Escritura usa expressões adequadas, por exemplo: “Enviái a Vossa luz e a Vossa verdade, que elas me guiem” (Sl 43,3). “Mas, ao lado de Vós está a Sabedoria que conhece Vossas obras; ela estava presente quando fizestes o mundo. ... Fazei-a, pois, descer de Vosso santo céu, e enviái-a do trono de Vossa glória, para que ... eu saiba o que Vos agrada” (Sb 9,10). O dom por excelência de todos estes dons de Deus é a palavra, como se torna saliente no Novo Testamento. Assim proclama Pedro na casa do centurião Cornélio: “Deus enviou a Sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a boa nova da paz, por meio de Jesus Cristo ...” (At 10,36). Na sua primeira grande viagem de missão, Paulo prega na sinagoga de Antioquia da Pisídia: “Irmãos, filhos de Abraão, e os que entre vós temem a Deus: a nós é que foi dirigida a mensagem de salvação” (At 13,26). Mais tarde, em Roma, instrui os judeus locais depois de os ter admoestado com uma palavra dos profetas sobre a obstinação do povo eleito: “Ficai, pois, sabendo que aos gentios é enviada agora esta salvação de Deus; e eles a ouvirão” – a *palavra* da salvação (At 28,28). Esta verdade é expressa de modo mais lapidar no Evangelho de Marcos, quando Jesus residia em Cafarnaum e a multidão se arrojava: “E Ele anunciava-lhes a palavra” (Mc 2,2).

#### **4. Missão dos Profetas**

Da conexão intrínseca entre missão e palavra agora mencionada, se entende porque, já na Antiga Aliança, a missão é marcada mais fortemente nos profetas, começando por Moisés (veja Ex 3,10.13; Mq 6,4).<sup>29</sup> Vale a pena estudar a vocação e missão dos profetas do Antigo Testamento, sobretudo os quatro profetas maiores, que, de certo modo, encontram sua correspondência nos quatro evangelistas da Nova Aliança.

---

<sup>29</sup>Isto ressoa ainda nos Evangelhos da Nova Aliança: “Eu vos *envio* profetas, sábios, doutores” (Mt 23,34). “Enviar-lhes-ei profetas e *apóstolos*” (Lc 11,49). “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são *enviados!*” (Mt 23,37 e Lc 13,34).

**a) Isaías**

Isaías recebe sua missão de Deus, que os Serafins adoram no mais alto céu (veja *Is* 6,1-4). Depois de um Serafim ter purificado seus lábios com uma brasa viva (veja *Is* 6,5-7), ouve “a voz do Senhor que dizia: Quem enviarei Eu? E quem irá por Nós? Eis-me aqui, disse eu, enviai-me!” (*Is* 6,8-9). Mais tarde, o profeta testemunhará de si: “O Senhor Deus *com Seu Espírito me envia*” (*Is* 48,16c).

À altura da visão vocacional – em meio ao mais alto coro angélico dos Serafins – corresponde o poder da missão e da palavra deste profeta. Com as palavras deste profeta, o Verbo Encarnado explicará na sinagoga de Nazaré Sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me *ungiu*; e *enviou*-Me para anunciar a boa nova aos pobres, ... para publicar o ano da graça do Senhor” (*Lc* 4,18-19; cf. *Is* 61,1).

A visão vocacional do primeiro dos profetas maiores – em meio aos Serafins adoradores, cujo “Sanctus” a Igreja adotou na sua liturgia eucarística – encontra uma certa correspondência na missão dos Apóstolos, como é relatado no *evangelho de Mateus*: “Os onze discípulos foram para a Galiléia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado. Quando O viram, adoraram-n’O (*adoraverunt*). ... Jesus, aproximando-Se, lhes disse: Toda autoridade Me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações ...” (*Mt* 28,16-19). A **adoração**, a oração, é, por assim dizer, um pressuposto e fundamento para cada missão que é recebida de Deus e deve conduzir a Ele.

Após João Paulo II<sup>30</sup>, também o Papa Bento XVI sempre de novo aponta para esta direção fundamental na vida da Igreja. Depois da Jornada Mundial da Juventude em Colônia com o mote da adoração dos Três Magos (cf. *Mt* 2,2 e 11), ainda proposto pelo seu predecessor, depois do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, também no balanço que em 22 de dezembro de 2005 fez diante da cúria romana sobre o ano que chegou ao seu ocaso, deu um lugar central à adoração:

Antes de cada atividade e de cada mudança do mundo deve haver a adoração. Só ela nos torna verdadeiramente livres; somente ela nos oferece os

---

<sup>30</sup> O *Partir de Cristo*, que o Papa João Paulo II propôs a toda a Igreja como programa para o terceiro milênio, tem como prioridade pastoral a santidade da vida, que se destaca “pela arte da oração” (cf. NMI 29-32). A oração e – como a vocação do profeta Isaías ilustra concretamente – a santidade pessoal são “um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de salvação da Igreja” (RM 90; citado da exortação apostólica *Christifidelis laici*, 17).

critérios para o nosso agir. Precisamente num mundo em que, de modo progressivo, definham os critérios de orientação e existe a ameaça que cada um faça de si mesmo o próprio critério, é fundamental ressaltar a adoração.<sup>31</sup>

## b) Jeremias

“Palavras de Jeremias ... A palavra do Senhor foi-lhe dirigida ...” (*Jr* 1,1-3), assim começa o segundo livro dos profetas. Em Jeremias, salienta-se a sua precoce eleição:

Foi-me dirigida nestes termos a palavra do Senhor: Antes que no seio fosses formado, Eu já te conhecia; antes de teu nascimento, Eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações. (*Jr* 1,4-5)

De um modo diferente de Isaías (“Eis-me aqui, enviai-me”) reage Jeremias:

E eu respondi: Ah! Senhor Javé, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança. Replicou porém o Senhor: Irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que Eu te ordenar. Não deverás temê-los porque estarei contigo para livrar-te – oráculo do Senhor. (*Jr* 1,6-8)

É deste modo que o profeta recebe a graça da missão:

E o Senhor, estendendo em seguida a Sua mão, tocou-me na boca. E assim me falou: Eis que coloco Minhas palavras nos teus lábios. Vê: dou-te hoje poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares (*Jr* 1,9-10).

O ministério profético não só abrange a missão provinda de Deus e dirigida aos homens, mas também – de modo semelhante como nos santos Anjos (cf. *Tb* 12,15) – o ministério de mediação partindo do povo e dirigido a Deus. Um dia

... foram, então, todos os oficiais ... bem como o povo, desde os grandes até os pequenos, dizer ao profeta Jeremias: ... Intercede por nós, junto ao Senhor. ... Que o Senhor, teu Deus, nos indique o caminho que devemos seguir e o que devemos fazer. Ouço o que me dizeis, respondeu Jeremias, e o que desejais vou solicitar ao Senhor, vosso Deus. O que me disser o Senhor vo-lo transmitirei fielmente. Clamaram então: Que o Senhor seja testemunha fiel e verdadeira contra nós se não fizermos o que o Senhor, teu Deus, te encarregar de nos transmitir! Seja-nos favorável ou adverso, obedeceremos à ordem do Senhor, nosso Deus, junto ao qual te delegamos ... (*Jr* 42,1-6).

Mas quando o profeta transmitiu a palavra do Senhor esta foi rejeitada (veja *Jr* 42,19-43,7).

---

<sup>31</sup> *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 24 de dezembro de 2005, 6-8.

Enquanto que Isaías anuncia, em profecias poderosas, o Messias que vem, Jeremias, no seu destino pessoal – resistência e perseguições por causa da palavra de Deus – é antes uma pre-figura do vindouro Redentor, que quis reunir os filhos de Jerusalém “e tu não quiseste!” (*Mt* 23,37) – e “que sofreu tantas contrariedades dos pecadores” (*Hb* 12,3). Neste profeta manifesta-se que ao anúncio da palavra de Deus também pertence a **expição**, como se expressa, de certo modo, nas palavras de missão proferidas por Jesus no *evangelho de Lucas*:

Assim é que está escrito, e assim era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. E que em Seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de tudo isso. (*Lc* 24,46-48).

Neste contexto, é notável o termo “testemunha”: não se trata apenas de proclamar a mensagem de salvação a outros mas de interiorizá-la pessoalmente e de “testemunhá-la” pela própria vida.

Lucas recorda-nos o proclamador mais eloqüente entre os Apóstolos, São Paulo.<sup>32</sup> Já na conversão o Senhor indica o seu destino futuro: “Este homem é para Mim um instrumento escolhido, que levará o Meu nome diante das nações, dos reis e dos filhos de Israel. Eu lhe mostrarei tudo o que terá de padecer pelo Meu nome” (*At* 9,15-16). Esta palavra cumpriu-se tanto nas tribulações e perseguições exteriores que este Apóstolo tinha de padecer (veja *2Cor* 1,23-29), como no sofrimento interior por causa da teimosia do povo eleito (veja *Rm* 9,1-3). Estas duas coisas, que também se realizaram na vida do profeta Jeremias encontraram uma expressão comovente nas suas Lamentações, que profeticamente apontam para a vindoura Paixão do Redentor (e para a co-paixão de Sua Mãe).<sup>33</sup>

### c) Ezequiel

Ao passo que Isaías recebeu sua vocação e missão diante do trono de Deus *no céu*, Ezequiel a recebe a partir do trono de Deus *na criação* – acima das cabeças dos Quatro Seres Vivos, cuja visão poderosa está no início deste livro:

---

<sup>32</sup>Lucas passou muito tempo com Paulo, veja: *At* 20,5 até 28,16 (cf. *Cl* 4,14; *2Tm* 4,11; *Fm* 24).

<sup>33</sup> João Paulo II indica o sacrifício como apoio essencial da missão eclesial: “À oração deve-se juntar o sacrifício: o valor salvífico de qualquer sofrimento, aceite e oferecido a Deus por amor, brota do sacrifício de Cristo, que chama os membros do Seu Corpo



No quinto dia do mês – era o quinto ano de cativo do rei Joaquin – foi a palavra do Senhor dirigida ao sacerdote Ezequiel, ... na Caldéia, às margens do rio Cobar. Nesse lugar veio a mão do Senhor sobre mim. Tive então uma visão: soprava do lado norte um vento impetuoso, uma espessa nuvem com um feixe de fogo resplandecente, e, no centro, saído do meio do fogo, algo que possuía um brilho vermelho. Distinguia-se no centro a imagem de quatro seres que aparentavam possuir forma humana. Cada um tinha quatro faces e quatro asas. (*Ez* 1,2-6)

Depois segue a descrição destes Querubins (cf. *Ez* 9,3), acima das cujas cabeças, num trono de safira<sup>34</sup> havia a silhueta humana do Filho do Homem (*Ez* 1,26-28; cf. *Is* 37,16: *Sl* 17 [18], 11). “O ruído de suas asas [era] semelhante ao barulho das grandes águas, à voz do Onipotente” (*Ez* 1,24). De igual modo, João ouvirá um dia a voz do Filho do Homem (veja *Ap* 1,13). A Tradição da Igreja, já muito cedo, associou estes Quatro Seres Vivos com “o Evangelho quadriforme, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João”, o “principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador”.<sup>35</sup>

Como é que este profeta experimentou sua vocação? –

Vendo [esta visão], prostrei-me com o rosto por terra e escutei uma voz que dizia: Filho do homem, dizia-me, fica de pé, porque Eu te falo! Enquanto ela me falava, entrou o espírito em mim, e me fez ficar de pé; então ouvi Aquele que me falava. Filho do homem, dizia-me, envio-te aos israelitas, a essa nação de rebeldes, revoltada contra mim ... (*Ez* 1,28-2,3)

O tratamento por “filho do homem” é característico deste profeta que, deste modo, aponta igualmente para Aquele a quem viu, na visão vocacional, acima das cabeças dos Querubins e cuja vinda deve proclamar.

É assim que este profeta recebe a palavra de Deus:

Filho do homem, falou-me, come o rolo que aqui está, e, em seguida, vai falar à casa de Israel. Abri a boca, e ele mo fez engolir. Filho do homem, falou-me, ... enche o teu estômago com o rolo que te dou. Então o comi, e era doce na boca, como o mel. Em seguida, acrescentou: Filho do homem, vai até a casa de Israel para lhe transmitir as minhas palavras. (*Ez* 3,1-4)

---

místico a associarem-se aos Seus padecimentos, a completá-los na sua própria carne (cf. *Cl* 1,24). O sacrifício do missionário deve ser partilhado e apoiado pelo dos fiéis” (RM 78).

<sup>34</sup> Acerca do simbolismo da pedra preciosa safira veja também a aparição de Deus diante de Moisés e dos 70 anciãos no Sinai, *Ex* 24,10.

<sup>35</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Revelação Divina *Dei Verbum* (= DV), 18.

Também a João é entregue uma vez, desta maneira, no Apocalipse, a palavra profética a ser proclamada (veja Ap 18,8-11).

Nesta imagem do “comer” a palavra de Deus, a **contemplatio** é-nos ilustrada de maneira concreta: *lectio divina, meditatio* (como “ruminar” a palavra), estudo – nenhum ministério da Palavra subsiste, a longo prazo, sem tudo isto, pois anúncio autêntico significa: “*contemplata aliis tradere*”.

A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo. ... Também o ministério da palavra ... com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura. (DV 24)

É necessário, por isso, que todos os que se consagram

... ao ministério da palavra, mantenham um contato íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne « pregador vão e superficial da palavra de Deus por não a ouvir de dentro » (Agostinho, *Sermo* 179), tendo, como têm, a obrigação de comunicar aos fiéis que lhes estão confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia. (DV 25)<sup>36</sup>

## d) Daniel

O último dos profetas maiores não só recebeu e pôs por escrito palavras e visões, também exauriu da Sagrada Escritura e nisto foi iluminado e instruído pelos santos Anjos. Deportado de Jerusalém para a Babilônia, chegou com outros judeus nobres (Ananias, Misael e Azarias) na corte real. A fidelidade à Aliança de Deus e à Sua Lei no meio dum ambiente e costumes pagãos (cf. *Dn* 1,8-21), preparou-o para sua vocação: “A esses quatro jovens, Deus concedeu talento e saber no domínio das letras e das

---

<sup>36</sup> É próprio da natureza da Igreja “que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação (*contemplationi vacantem*), ... mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação” (SC 2). Esta, por assim dizer, “contemplativa” característica de toda a Igreja deve desenvolver-se também na vida de cada cristão (cf. NMI, capítulo II: “Um rosto a contemplar”, n. 16-28; *Rosarium Virginis Mariae*: “Contemplar Cristo com Maria”, n. 9, 17 e 18, 24, 28-31; além disso, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 5-7, 25 e *Mane nobiscum Domine*, esp. n. 8-9, 14-18, 29). Mesmo o missionário na missão *ad gentes* “deve ser « um contemplativo na ação »” (RM 91). Pois, “a missão é ação contemplativa e contemplação ativa” (*Ecclesia in Asia*, 23).

ciências. Daniel era particularmente entendido na interpretação de visões e sonhos” (*Dn* 1,17). O auxílio visível dos santos Anjos é igualmente fruto da sua fidelidade inabalável à fé dos pais: tanto na fornalha (veja *Dn* 3,49) como na cova dos leões (veja *Dn* 6,23; 14,34-39).

Daniel era um homem de oração e intercessão (cf. *Dn* 2,18-23). Além das grandes visões, que lhe foram concedidas (veja *Dn* 7-8), estudou as Sagradas Escrituras e, rezando, procurou perscrutar o seu sentido, no espírito do temor de Deus, na contrição e penitência por causa dos pecados do próprio povo (veja *Dn* 9,1-19; 11,2-3). É aqui que entra a ajuda dos santos Anjos:

Eu falava ainda, pedindo, confessando meu pecado e o de meu povo de Israel, depositando aos pés do Senhor, meu Deus, minha súplica pelo seu monte santo ... quando se aproximou de mim, num relance (era a hora da oblação da noite), Gabriel, o ser que eu havia visto antes em visão. Deu-me, para meu conhecimento, as seguintes explicações: Daniel, vim aqui agora para te informar. Apenas havias iniciado a tua oração e uma palavra foi pronunciada; eu venho desvendá-la a ti, porque és um homem de predileção ... (*Dn* 9,20-23; cf. também 10,10-12)<sup>37</sup>

Pode-se comparar Daniel, em vários aspectos, com João, o evangelista e “profeta” (cf. *Ap* 22,9.18-19) do Novo Testamento. Também ele recebeu a visão do Apocalipse no meio de tribulação exterior (veja *Ap* 1,9), e por intermédio dos santos Anjos (veja *Ap* 1,1; 22,16), que também explicam a visão e instruem o vidente (veja *Ap* 17,1-8; 19,9-10; 21,9.15; 22,6-15). A disposição decisiva por parte do recipiente destas palavras e visões é a oração, o arrependimento (esp. em Daniel), e sempre o amor ardente a Deus e ao próximo que o discípulo, “a quem Jesus amava” (*Jo* 13,23) não se cansava de proclamar (veja *1Jo* 2,15; 3,18; 4,7-21).<sup>38</sup> Como o Senhor ilustra na investidura de Pedro no seu cargo (cf. *Jo* 21,15-17), a caridade é “fonte é critério da missão” (RM 60).

## e) Conclusão do Antigo Testamento

No último livro dos profetas do Antigo Testamento o conceito de missão sobressai fortemente. No mensageiro, cuja missão é anunciada no final

---

<sup>37</sup> Neste contexto merece ser mencionado o profeta Zacarias: é instruído pelo Anjo, que fala “com” ele e “nele”. Também reproduz colóquios entre o Senhor e Seus Anjos.

<sup>38</sup> Por isso, faz parte da espiritualidade missionária o amor, a saber, aquele amor que ama a Igreja e os homens como Cristo os amou (veja RM 89).

– como também em nome do próprio profeta (“Malaquias”) –, a figura de “profeta” e de “Anjo” se funde de certa maneira: “Eis que Eu vou *enviar* o Meu *mensageiro* para *preparar o Meu caminho*. E imediatamente virá ao Seu templo o Senhor que buscais, o *Anjo* da aliança [cf. *Is* 9,5] que desejais” (*MI* 3,1; cf. *Ex* 23,20). “Vou enviar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor” (*MI* 3,23). Estas palavras no limiar da Nova Aliança de Deus com os homens referem-se ao precursor, cuja missão é anunciada no prólogo de São João: “Surgiu um homem, *enviado* por Deus, cujo nome era João. Veio como testemunha, para dar *testemunho* da luz, a fim de todos crerem por seu intermédio” (*Jo* 1,6-7).<sup>39</sup> O seu nascimento foi anunciado pelo Anjo Gabriel (cf. *Lc* 1,11 e 19) com as palavras: “Írá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias ... para preparar ao Senhor um povo bem disposto” (*Lc* 1,17). João viveu de modo retirado no deserto (cf. *Lc* 1,80), até ao dia em que lhe “veio a palavra do Senhor” (*Lc* 3,2). Após a sua morte na prisão de Herodes, o próprio Senhor confirmou a sua missão com as palavras: “Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem” (*Mt* 17,12; cf. *Mc* 9,11-13).

### III. Missão no Novo Testamento

Todas as aparições (“epifanias”) do Antigo Testamento – segundo o ensinamento de Santo Tomás – são ordenadas à epifania do Filho de Deus na carne, à Encarnação do Verbo.<sup>40</sup> No nosso contexto podemos também dizer: todas as missões de Anjos e homens antes de Cristo são ordenadas à *Missão* na plenitude dos tempos, quando Deus enviou Seu Filho “na carne” (*Rm* 8,3), “nascido de mulher” (*Gl* 4,4). Pois, “muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por Seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas” (*Hb* 1,1-2). Ligada com esta missão e, por assim dizer, continuando-a é aquela do Espírito Santo (cf. *Gl* 4,6 e *Rm* 5,5), que já na Antiga Aliança “falou pelos profetas” (*Symbolum fidei*).

Assim abre-se uma nova dimensão com a Encarnação do Filho Unigênito de Deus. Na “plenitude dos tempos” são enviados por Deus não somente Anjos e homens, mas também a Segunda e a Terceira Pes-

---

<sup>39</sup> A iconografia do Oriente cristão retrata este “maior entre os homens” (cf. *Mt* 11,11; *Lc* 7,28) com asas de Anjos.

<sup>40</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theol.* I, q. 51, a. 2 ad 1.

soas Divinas. Estas missões realizam-se na ordem das processões eternas no Deus Uno-e-Trino: como o Filho procede do Pai “antes de todos os séculos”, e o Espírito Santo do Pai e do Filho, assim o Filho é enviado pelo Pai, e o Espírito Santo de Ambos.

A Encarnação do Filho Unigênito de Deus na Virgem Maria com a participação do Espírito Santo (cf. *Mt* 1,18-20; *Lc* 1,31-35) é idêntica à Sua missão ao mundo, através do Pai, uma missão que é aceite pelo Filho em obediência: “Eis por que, ao entrar no mundo, Cristo diz: Me formaste um corpo. ... Eis que venho (porque é de Mim que está escrito no rolo do livro), venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade” (*Hb* 10,5-7; cf. *Fl* 2,6-8). Quem fala abundantemente destas missões – como da missão em geral – é João, que pôde contemplar o mistério do Deus Uno-e-Trino de modo mais profundo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (*Jo* 1,1). “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (*Jo* 1,14). “Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o *revelou*” (*Jo* 1,18).

Queremos agora tratar desta missão divina que, através dos Apóstolos, passou à Igreja e nela é operante até ao cumprimento do desígnio divino de salvação.

### **1. Origem trinitária da Missão**

Inumeráveis vezes o Senhor faz referência a Sua missão, como se pode ver, de particular, no evangelho de João (nos sinópticos, veja *Mt* 10,40 par; *Lc* 4,18-21):

- A Nicodemos: “De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu Seu Filho único, ... pois Deus não *enviou* o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (*Jo* 3,16-17). A isto corresponde a proclamação do discípulo amado: “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em nos ter *enviado* ao mundo o Seu Filho único, para que vivamos por Ele. Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos Ele amado, e *enviado* o Seu Filho para expiar os nossos pecados” (*1Jo* 4,9-10; cf. também 2,2). “Nós vimos e testemunhamos que o Pai *enviou* Seu Filho como Salvador do mundo” (*1Jo* 4,14).

- No templo: “A Minha doutrina não é Minha, mas daquele que Me *enviou*” (*Jo* 7,16). “Vós Me conheceis e sabeis de onde Eu sou! Entretanto, não vim de Mim mesmo, mas é verdadeiro Aquele que Me *enviou*, e vós não O conheceis. Eu O conheço, porque venho d’Ele e Ele Me *enviou*” (*Jo* 7,28-29; cf. também 8,16.26-29).

- Antes da ressurreição de Lázaro: “Pai, rendo-Te graças, porque Me ouviste. Eu bem sei que sempre Me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em redor, para que creiam que Tu Me *enviaste*” (Jo 11,41-42; veja também 17,3.21.23.25).

- Em vista da Sua “Páscoa”, o Senhor volta a testemunhar: “Ainda por um pouco de tempo estou convosco e então vou para Aquele que Me *enviou*” (Jo 7,33; cf. 13,1; 14,2.28; 16,28).

Acerca da singularidade e universalidade da missão de Jesus, o Papa João Paulo II exprimiu-se assim: “A salvação pôde fundar-se na pessoa do Filho de Deus feito homem e na missão unicamente confiada a Ele enquanto Filho, uma missão de serviço e de amor pela vida de todos” (*Ecclesia in Asia*, 13). Esta missão consuma-se na cruz, onde o Senhor, morrendo, entrega o Seu espírito nas mãos do Pai (cf. *Lc* 23,46).

Neste ato supremo de amor, Jesus confiou toda a Sua vida e missão nas mãos do Pai que O tinha enviado. Entregou assim ao Pai a criação inteira e toda a humanidade, para ser finalmente recebida por Ele com amor compassivo. (*Ecclesia in Asia*, 12)

Na Última Ceia, o Senhor anunciou a missão do Espírito Santo, que iria realizar-se após o Seu regresso ao Pai. O Senhor descreve a Sua própria participação na missão do Espírito, realçando cada vez mais o Seu próprio divino poder da missão:

- “... vou para junto do Pai. ... Eu *rogarei* ao Pai, e *Ele* vos *dará* outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da Verdade ...” (Jo 14,12.16-17).

- “Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai *enviará em Meu nome*, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26).

- “Quando vier o Paráclito, que vos *enviarei* da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, Ele dará testemunho de Mim” (Jo 15,26).

- “... Convém a vós que Eu vá! Porque, se Eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas se Eu for, *vo-lo enviarei*” (Jo 16,7).

- Esta promessa é afirmada pelo Senhor Ressuscitado, como Lucas relata: “Eu vos *mandarei* o Prometido de Meu Pai ...” (*Lc* 24,49; ref. a isto ainda *At* 1,5.8).

A missão do Espírito é, na verdade, distinta da do Filho, assim como a segunda e a terceira Pessoa Divina são distintas; contudo, ambas as missões estão ligadas inseparavelmente. Nem só a Encarnação e a missão terrena de Jesus se realizaram na força do Espírito Santo (cf. *Ecclesia in*

Asia 17). “Tudo quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões, assume um papel de preparação evangélica, e não pode deixar de se referir a Cristo, Verbo feito carne pela ação do Espírito” (RM 9).

## 2. Como é que Jesus Cristo viveu Sua missão na terra?

Como é que nosso Senhor Jesus Cristo viveu Sua missão, recebida do Pai, na terra? A realidade elementar da missão, ainda antes de qualquer atividade, é a comunhão de *vida*. “Assim como o Pai que Me *enviou* vive, e Eu *vivo* pelo Pai (cf. Jo 5,26), assim também aquele que comer a Minha carne viverá por Mim” (Jo 6,57). Por isso, o Pai “que Me enviou está comigo; Ele não Me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do Seu agrado” (Jo 8,29; ref. a isto também 16,32). Esta comunhão de vida é *união* profunda com o Pai: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30; cf. 17,21). Quem, por isso “vos recebe, a Mim recebe. E quem Me recebe, recebe aquele que Me enviou” (Mt 10,40).<sup>41</sup>

*Agere sequitur esse*: da comunhão da vida e da *união* segue a unidade no falar e agir. “Aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus ...” (Jo 3,34). “A **palavra** que tendes ouvido não é Minha, mas sim do Pai que Me enviou” (Jo 14,24). “Quem ouve a Minha palavra e crê *naquele que Me enviou* tem a vida eterna” (Jo 5,24; cf. em contrapartida 5,58).<sup>42</sup> E numa outra ocasião:

O que Me enviou é verdadeiro e o que dele ouvi Eu o digo ao mundo. ... Quando tiverdes levantado o Filho do Homem, então conhecereis ... que nada faço de Mim mesmo, mas falo do modo como o Pai Me ensinou. Aquele que Me enviou está comigo ... (Jo 8,26-29a)

Deste contexto faz parte a promessa: “Quem *ouve a Minha palavra e crê naquele que Me enviou* tem a vida eterna” (Jo 5,24; cf. 17,3). Visto que o Pai e o Filho são um, o Senhor pode dizer no mesmo discurso: “Não tendes a Sua palavra (do Pai) permanente em vós, pois não credes naquele que Ele enviou” (Jo 5,38).

---

<sup>41</sup> Vale também ao contrário: “Aquele que não honra o Filho, não honra o Pai, que O *enviou*” (Jo 5,23; cf. Lc 10,16).

<sup>42</sup>À objeção dos fariseus: “Tu dás testemunho de Ti mesmo; Teu testemunho não é digno de fé” (Jo 8,13), o Senhor replica: “Se julgo, o Meu julgamento é conforme a verdade, porque não estou sozinho, mas comigo está o Pai que Me enviou. Ora, na vossa lei está escrito: O testemunho de duas pessoas é digno de fé. Eu dou testemunho de Mim mesmo; e Meu Pai, que Me enviou, o dá também” (Jo 8,16-18).

O Senhor é um com o Pai, não só na palavra e na doutrina, mas também no querer e fazer. “Meu alimento é fazer a **vontade** daquele que Me enviou e cumprir a Sua obra” (*Jo* 4,34). “Pois desci do céu não para fazer a Minha vontade, mas a vontade daquele que Me enviou. Ora, esta é a vontade daquele que Me enviou: que Eu não deixe perecer nenhum daqueles que Me deu ...” (*Jo* 6,38-39; cf. 6,44 e 17,2). “Enquanto for dia, cumpre-Me terminar as **obras** daquele que Me enviou. Virá a noite, na qual já ninguém pode trabalhar” (*Jo* 9,4).<sup>43</sup> “Se Eu não faço as obras de Meu Pai, não Me creiais. Mas se as faço, e se não quiserdes crer em Mim, crede nas minhas obras ...” (*Jo* 10,37-38). “O Pai, que permanece em Mim, é que realiza as Suas próprias obras. Crede-Me: estou no Pai, e o Pai em Mim. Crede-o ao menos por causa destas obras” (*Jo* 14,10-11).

No fim de Sua vida terrena, Jesus reza ao Pai:

Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste. Eu Te glorifiquei na terra. Terminei a obra que Me deste para fazer. ... Manifestei o Teu nome aos homens que do mundo Me deste. ... Eles reconheceram verdadeiramente que *sai* de Ti, e creram que Tu Me *enviaste*. (*Jo* 17,3-4.6.8)

Aqui a processão inter-trinitária do Filho saindo do Pai – Sua consubstancialidade ao Pai – é mencionada no mesmo fôlego com Sua missão ao mundo. E a missão de Jesus através do Pai (“que Tu Me enviaste”) torna-se objeto principal da fé necessária à salvação (“nisto consiste a vida eterna ...”), porque conduz à fé em Jesus Cristo como Deus verdadeiro.<sup>44</sup>

Na conclusão da Oração Sacerdotal resplandece o fim último da missão de Jesus, que reflete, de certo modo, Sua origem trinitária na humani-

---

<sup>43</sup>Nos ouvintes da palavra é aqui principalmente uma questão da “obra” da fé: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou” (*Jo* 6,29). E para despertar esta fé, o Senhor cumpre também obras: “Tenho-vos mostrado muitas obras boas da *parte* de Meu Pai” (*Jo* 10,32).

<sup>44</sup>Certas palavras de Jesus em conexão com o Seu ser enviado facilmente poderiam ser mal-entendidas. Nos discursos de despedida, o Senhor diz em vista dos Seus discípulos e da futura sorte deles: “O servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou” (*Jo* 13,16). Mais tarde Ele diz com respeito a Si mesmo: “Se Me amardes, certamente haveis de alegrar-vos, que vou para junto do Pai, porque o Pai é *maior do que Eu*” (*Jo* 14,28; cf. 10,29). Decerto, a idéia de uma diferença substancial entre Pai e Filho é excluída devido ao auto-testemunho de Jesus, que leva à Sua condenação diante do Sinédrio (veja *Mt* 26,63s; *Mc* 14,61s; *Lc* 22,70s; cf. *Jo* 9,58; 10,33-39; 14,9).



dade redimida: “Pai, quero que, onde Eu estou, estejam comigo aqueles que Me deste, para que vejam a Minha glória que Me concedeste, porque Me amaste antes da criação do mundo” (Jo 17,24; cf. Ef 1,4-6). A reparação da humanidade redimida consuma-se naquela *communio* trinitária, que é a origem da missão do Redentor:

Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em Mim. Para que todos *sejam um*, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e *o mundo creia que Tu Me enviaste*. ... Que sejam um, como nós somos um: Eu neles e Tu em Mim, para que sejam perfeitos na unidade e *o mundo reconheça que Me enviaste* e os amaste, como amaste a Mim. (Jo 17,20-23)

### 3. O Senhor envia Seus Discípulos

A missão é uma dimensão na vida terrena de Jesus, de um modo tão fundamental, como não se poderia sequer imaginar. Visto que a própria Encarnação é um ato de obediência à vontade do Pai, a missão, por assim dizer, está inscrita na natureza humana do Filho de Deus, não só no Seu agir até à morte redentora na Cruz, mas também no Seu ser divino-humano.<sup>45</sup> Isto vale também para Seu modo concreto de viver em virgindade e pobreza, que é imitado e representado na Igreja pela vida segundo os conselhos evangélicos (cf. LG 44c; 46b).<sup>46</sup> “Por obediência filial, assume a forma de servo. ... É também nesta atitude de docilidade ao Pai que Cristo ... assume a forma de vida virginal” (VC 22). Disto resulta uma fundamentação cristológica aprofundada e até trinitária dos conselhos evangélicos, “pelos quais Cristo convida alguns a partilharem a Sua *experiência* de pessoa virgem, pobre e obediente” (VC 18). A vida consagrada apresenta-se assim como “um modo – pode-se dizer – *divino*, porque abraçado por Ele, Homem-Deus, como *expressão da Sua relação de Filho Unigênito com o Pai e com o Espírito Santo*” (VC 18). Por

---

<sup>45</sup> Neste sentido pode-se também entender a palavra da primeira carta de João: “Mas, se alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a expiação (*Ipse est propitiatio*) pelos nossos pecados ...” (1Jo 2,1-2).

<sup>46</sup> É desta doutrina no 6º capítulo da Constituição dogmática sobre a Igreja que parte o decreto conciliar sobre a conveniente renovação da vida religiosa *Perfectae caritatis* (=PC): “Logo desde os princípios da Igreja, houve homens e mulheres, que pela prática dos conselhos evangélicos procuraram seguir Cristo com maior liberdade e imitá-Lo mais de perto, ... seguindo Cristo, que, sendo virgem e pobre (cf. Mt. 8,20; Lc. 9,58), remiu e santificou todos os homens pela obediência até à morte da cruz (cf. Fl. 2,8)” (PC 1).

consequente, os conselhos evangélicos não são somente um dom do Senhor Jesus Cristo à Sua Igreja (cf. LG 43), mas também “um dom da Santíssima Trindade” (VC 20), e precisamente “expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na unidade do Espírito Santo” (VC 21).<sup>47</sup>

A missão de Jesus ao mundo é, de certo modo, idêntica com Sua “unção” (como “Messias”; cf. *At* 10,38) e “consagração”, o que se expressa na Sua palavra que “o Pai [O] santificou e enviou ao mundo” (*Jo* 10,36). Uma semelhante conexão entre consagração e missão resulta nos discípulos e Apóstolos à luz das palavras de Jesus na Última Ceia:

*Santifica-os pela verdade. A Tua palavra é a verdade. Como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo. Santifico-Me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade. (Jo 17,17-19).*

Os doze Apóstolos foram chamados pelo Senhor dentre os outros discípulos para que estejam com Ele e Ele os possa enviar (cf. *Mc* 3,14). Por palavras e obras, Ele exercitou-os na missão, que, por meio deles, quis pôr no fundamento da Igreja. A missão dos discípulos, relatada por todos os sinópticos, é, a este respeito, um texto chave, que queremos contemplar mais de perto.

### a) Em primeiro lugar a Oração

O Senhor orou quando começou Sua missão pública com o Batismo no Jordão (cf. *Lc* 3,21b) e antes de chamar os Apóstolos (cf. *Lc* 6,12-13). Com efeito, o convite à **oração** está no princípio da primeira grande missão: “Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para Sua messe” (*Mt* 9,38). Só depois “reuniu Seus doze discípulos” (*Mt* 10,1) e “os enviou em missão” (*Mt* 10,5; cf. *Lc* 9,1-2). Na missão posterior de outros discípulos coincidem a missão e o convite à oração:

Depois disso, designou o Senhor ainda setenta e dois outros discípulos e mandou-os, dois a dois, adiante de Si, por todas as cidades e lugares para

---

<sup>47</sup> Isto é demonstrado em cada um dos três conselhos evangélicos: a castidade consagrada “constituiu um reflexo do amor infinito que une as três Pessoas divinas na profundidade misteriosa da vida trinitária” (VC 21b). A pobreza “torna-se expressão do dom total de Si que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem”. E a obediência “é reflexo, na história, da amorosa correspondência das três Pessoas divinas” (VC 21d). – Também a *vita communis*, própria da vida religiosa, é “confissão e sinal da Trindade” (VC 21e) e sua imagem, sim, “participação na comunhão trinitária” (VC 41), como a própria Igreja toda é “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

onde Ele tinha de ir. Disse-lhes: Grande é a messe, mas poucos são os operários. Rogai ao Senhor da messe ... (Lc 10,1-2)

De maneira semelhante, na jovem Igreja, grandes missões foram preparadas pela oração, como p. ex. a primeira grande viagem de missão de Barnabé e de Paulo a partir de Antioquia que foi preparada pela oração, pelo jejum e a imposição das mãos (cf. At 13,1-4).

A prioridade da oração não se mostra somente pelo fato dos sucessores dos Apóstolos levarem a cabo o seu mandato missionário “com a oração e a cooperação de toda a Igreja”.<sup>48</sup> Os próprios Apóstolos viram na oração um componente essencial da sua missão, que se manifestou, por exemplo, na instituição dos primeiros diáconos:

Por isso, os Doze convocaram uma reunião dos discípulos e disseram: Não é razoável que abandonemos a palavra de Deus, para administrar. Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, ... aos quais encarregaremos este ofício. Nós atenderemos sem cessar à oração e ao ministério da palavra. (At 6,2-4)

## b) “Dois a dois”

No Evangelista Marcos consta que já os doze Apóstolos “foram enviados **dois a dois**” pelo Senhor (Mc 6,7). Isto sucedeu por causa do testemunho (cf. Mt 18,16; Jo 8,17 e Lc 24,4; Jo 20,12; At 1,10) e por causa da comunhão. Sem dúvida, isto reflete, no nível da criatura, Sua própria missão através do Pai, que estava sempre com Ele e de quem recebeu tudo quanto deveria proclamar e fazer. Esta disposição do Senhor encontrou grande ressonância na Tradição.

Sem prejuízo da primazia de Pedro entre os outros Apóstolos (cf. Mt 16,18-19; Lc 22,31-32; Jo 1,42 e 21,15-17), que continuou a viver nos seus sucessores como “princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão” (LG 18), vemos o discípulo amado ao lado de Pedro na “inspeção” do túmulo vazio no dia da Páscoa (cf. Jo 21,2-10), na oração, no anúncio e no testemunhar Cristo (cf. p. ex. At 3,1-11; 4,1-20; 8,14-17). Paulo, após sua conversão, é levado por Barnabé aos Apóstolos (cf. At 9,27; Gl 1,18); ambos trabalham juntos durante muito tempo em Antioquia e de lá empreendem a primeira viagem *ad gentes* (cf. At 13,2-14,27 e 15,12).

---

<sup>48</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad gentes* (= AG), 6; cf. RM 78.

Ainda hoje a festa dos dois Príncipes dos Apóstolos Pedro e Paulo em 29 de junho dá testemunho da *communio*, que o Senhor constituiu entre os Seus Apóstolos precisamente por causa da sua missão como cooperação unânime de diversos dons pessoais (cf. *Gl* 1,7-9).

Pedro ... foi o primeiro a confessar a fé em Cristo, e Paulo ... a ilustrou com a sua doutrina; Pedro ... estabeleceu a Igreja nascente entre os filhos de Israel, e Paulo ... anunciou o Evangelho a todos os povos. Ambos trabalharam, cada um segundo a sua graça, para formar a única família de Cristo ...<sup>49</sup>

### c) Mandato e poder

Como o Senhor foi enviado “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (*Mt* 15,24), assim enviou também Seus Apóstolos no início “às ovelhas que se perderam da casa de Israel” (*Mt* 10,6). Eles deveriam pregar o Reino de Deus (*Lc* 9,2 e 10,9) – “o Reino dos céus está próximo” (*Mt* 10,1.7) –, curar enfermos (cf. *Mt* 10,1.8; *Mc* 6,13; *Lc* 9,2.6) e expulsar os demônios (cf. *Mt* 10,1.8; *Mc* 6,7.13; *Lc* 9,1). O Evangelista Marcos acrescenta explicitamente: “Eles partiram e pregaram a penitência” (*Mc* 6,12), como o próprio Senhor o fizera desde o início (cf. *Mt* 4,17; *Mc* 1,15) e antes d’Ele João Batista (cf. *Mc* 3,1-12; *Mc* 1,4-6; *Lc* 3,3-20). Com isto, são mencionados conteúdos e graças essenciais da futura missão salvífica (cf. *Mc* 16,15-20).

É depois da Ressurreição que o Redentor estende o horizonte da missão a todos os povos, enquanto o mandato da Igreja é ulteriormente aprofundado e dilatado. Também a este respeito o Espírito Santo ensina à Igreja toda a verdade (cf. *Jo* 16,13; 14,26), quanto à dimensão do seu mandato de missão. Hoje em dia a Igreja sabe que “é com mais urgência chamada a salvar e a renovar toda a criatura, para que tudo seja instaurado em Cristo” (AG 1b). Ela “deve hoje enfrentar outros desafios, lançando-se para novas fronteiras, quer na primeira missão *ad gentes*, quer na nova evangelização dos povos que já receberam o anúncio de Cristo” (RM 30). Isto não só diz respeito ao âmbito missionário no significado territorial tradicional (cf. RM 31-37a)<sup>50</sup>, mas também a “mundos ... sociais novos” (RM 37b) e “áreas culturais” (RM 37c), e também a novos caminhos e métodos da missão (cf. RM 51-59).

<sup>49</sup> Prefácio de S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos, para o dia 29 de junho.

<sup>50</sup>No aspecto territorial, atualmente o Sul e o Oriente exigem atenção particular (veja RM 40; cf. *Ecclesia in Asia*, 9,18-23).

#### d) Virtudes da missão

O Senhor deu aos Seus discípulos, no Evangelho, normas para sua missão, nas quais são abordadas virtudes específicas. Ainda que algumas normas digam respeito às condições concretas daquela missão específica, contudo, cada enviado deve tomar a peito estas diretrizes, se quiser permanecer fiel no serviço do Reino de Deus:

- “Recebestes de graça, de graça dai!” (Mt 10,8).

O que um discípulo de Cristo tem para dar, em palavras ou obras, é dom de Deus, não a sua propriedade ou mérito, do qual poderia dispor ao seu bel-prazer. Também os meios dados para cumprir uma missão não devem servir a interesses próprios. Ao *desinteresse* material corresponde aquela humildade que atribui qualquer fruto da missão e dos próprios esforços ao doador de todos os bens no sentido da palavra de Cristo: “Assim também vós, depois de terdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos como quaisquer outros; fizemos o que devíamos fazer” (Lc 17,10).

- Por causa da missão, o Senhor exige a *pobreza* dos Seus discípulos: “Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem mochila para a viagem” (Mt 10,9-10; cf. Mc 6,8-9; Lc 9,3; 10,4a). Com isto associa-se a modéstia para com aqueles homens que sustentam sua missão por amor a Deus: “Permaneeci na mesma casa (onde fostes recebidos), comi e bebi do que eles tiverem. ... Não andeis de casa em casa” (Lc 10,7; cf. Mt 10,11; Mc 6,10; Lc 9,4).

- “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4b)

A dedicação à missão e a fidelidade ao encargo recebido implica a liberdade em relação a certas ligações humanas que não são compatíveis com as exigências da missão. Também o Senhor, às vezes, tinha de “libertar-se” de pessoas procurando ajuda, como p. ex. em Cafarnaum, onde tinha curado muitos enfermos e muitos possessos:

Ao amanhecer, Ele saiu e retirou-se para um lugar afastado. As multidões O procuravam e foram até onde Ele estava e queriam detê-lo, para que não as deixasse. Mas Ele disse-lhes: É necessário que Eu anuncie a boa nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois essa é a Minha missão. (Lc 4,42-23)<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> “Ao missionário, pede-se que « renuncie a si mesmo e a tudo aquilo que antes possuía como seu, e se faça tudo para todos » [AG 24]: na pobreza que o torna livre para

- “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas. Cuidai-vos dos homens ...” (Mt 10,16ss).

O aviso do Senhor refere-se à resistência e às perseguições, às quais o discípulo de Cristo, por causa da palavra de Deus – possa ser exposto (veja contexto Mt 10,17-33). Também no deserto o adversário tentou desviar a missão messiânica do Senhor (cf. Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). Na mesma direção visaram as repreensões de Pedro, que naquela ocasião ouviu a palavra severa: “Afasta-te, Satanás! Tu és para Mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens!” (Mt 16,23).

A prudência e a simplicidade, exigidas pelo Senhor, estão relacionadas. A *prudência* sabe empregar os meios certos em cada situação, para que seja alcançada a meta da missão segundo a vontade de Deus. A *simplicidade* está relacionada com a “sinceridade para com Cristo” (2Cor 11,3) e significa aquela simplicidade e humildade que os Apóstolos deveriam aprender das crianças (cf. Mt 18,1-4 e 10).

Também a missão *missionária* é seguimento de Cristo: “O discípulo não é mais que o mestre, o servidor não é mais que o patrão. Basta ao discípulo ser tratado como seu mestre, e ao servidor como seu patrão” (Mt 10,24-25).

#### **4. Missão dos Apóstolos e da Igreja**

De modo semelhante aos santos Anjos (ἄγγελοι) a missão está fundamentada no nome (ἀπόστολοι) e na vocação dos Apóstolos: “Ao amanehcer, chamou os Seus discípulos e escolheu doze dentre eles que chamou de *Apóstolos*” (Lc 6,13), “para andarem com Ele e para os *enviar*” (Mc 3,14). “Como o Pai Me enviou, *assim também Eu vos envio a vós*”. Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo! (Jo 20,21-22). Com estas palavras os Apóstolos são preparados para aquela missão que devem assumir do Redentor Ressuscitado e transmitir à Igreja. Pois é o Espírito Santo “que dá poderes à Igreja para continuar a missão de Jesus, em primeiro lugar dando testemunho do próprio Jesus” (*Ecclesia in Asia*, 17).

A missão para qual os Apóstolos, no dia de Pentecostes, são “revestidos da força do alto” (Lc 24,49; cf. At 1,4.8), é determinada mais precisa-

---

o Evangelho, no distanciar-se de pessoas e bens do seu ambiente originário para se fazer irmão daqueles a quem é enviado, levando-lhes Cristo Salvador” (RM 88).

mente pelo Senhor ainda antes da Sua Ascensão. Isto sucede a seguir àquela missão, da qual já falamos, e que agora é aprofundada e ampliada. Em cada evangelho sobressaem aqui outros acentos.

### a) No Evangelho de Mateus

Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: Toda autoridade Me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações (*euntes ergo docete omnes gentes*); batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo. (*Mt 28,18-20*)

O Senhor promete aqui aos Apóstolos, que envia por virtude da Sua *potestas* universal, Sua presença até o fim dos tempos. Nas palavras da missão é evocado o magistério apostólico (*docete*) e o múnus sacerdotal da santificação (“batizai”), a saber, em vista daquela perfeição que o Senhor ensinou no Sermão da Montanha (veja *Mt 5-7*). Os homens devem entrar no Seu seguimento como “discípulos” e tornar-se perfeitos mediante a observação das Suas palavras (Sermão da Montanha, evangelho), “assim como vosso Pai celeste é perfeito” (*Mt 5,48*). Fundamento desta perfeição é a vida sacramental da graça, que confere a comunhão com o Deus Uno-e-Trino: “Batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (*Mt 28,19*).

### b) No Evangelho de Marcos

Depois disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai (*praedicate*) o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo ... Os discípulos partiram e pregaram por toda parte. O Senhor cooperava com eles ... (*Mc 16,15-20*).

Aqui salienta-se a pregação do Evangelho, junto com os “sinais” (cf. *Mc 16,17-18.20b*), para que os homens creiam na pregação, se deixem batizar e assim sejam salvos. O “magistério” indicado em Mateus torna-se aqui “pregação”; a presença do Senhor prometida em Mateus torna-se aqui “cooperação” ativa através de sinais, que o Senhor opera do céu para confirmar a palavra anunciada (“*Domino cooperante et sermonem confirmante*”).

### c) No Evangelho de Lucas

Depois lhes disse: Isto é o que vos dizia quando ainda estava convosco: era necessário que se cumprisse tudo o que de Mim está escrito na Lei de

Moisés, nos profetas e nos Salmos. Abriu-lhes então o espírito, para que compreendessem as Escrituras, dizendo: Assim é que está escrito, e assim era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. E que em Seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de tudo isso. Eu vos mandarei o Prometido de Meu Pai. (*Lc 24,44-49a*; cf. *Mt 1,8*)

Aqui a missão dos Apóstolos é derivada completamente da Sagrada Escritura: “Assim é que está escrito”, também a pregação da penitência e da conversão “em nome” do Messias crucificado e ressuscitado. Para isso é concedida aos Apóstolos a compreensão da Escritura – como antes aos discípulos de Emaús (cf. *Lc 24,25-27*) – para poderem ser “testemunhas” das palavras de Deus que se cumpriram no Senhor Jesus Cristo. A palavra “ensinada” em Mateus e “proclamada” em Marcos passa aqui para dentro, levando o coração humano à “penitência” pela força do Espírito Santo. Esta eficácia da palavra manifesta-se já nos discípulos de Emaús: “Não se nos abrasava o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (*Lc 24,23*).

#### **d) No Evangelho de João**

O quarto evangelista aprofunda, de certo modo, o que é dito nos sinópticos quanto à missão dos Apóstolos e arredonda tudo:

- o magistério com o auxílio do Espírito da verdade – *Jo 14,26*; *15,26-27*; *16,13-15* (cf. também *Jo 20,30-31*; *21,24-25*);

- a santificação no Batismo (*Jo 3,3-5*), na Eucaristia (*Jo 6,26-59*) e na remissão dos pecados (*Jo 20,22-23*);

- o caminho da perfeição, indicado pelo novo mandamento do amor (*Jo 13,34* etc.), levando à união com o Deus Uno-e-Trino (*Jo 14,23*; *15,7-17*; *17,21-26*);

- e finalmente o múnus de pastor, que é confiado a Pedro (*Jo 21,15-19*), a saber, após a pesca no lago de Tiberíades, que, em vários aspectos, prefigura simbolicamente a missão salvífica da Igreja (*Jo 21,1-14*).

A respeito da missão específica da Igreja *ad gentes*, o Papa João Paulo II explicou deste modo os pontos em comum e as acentuações diversas dos quatro evangelistas:

*Dois elementos ... encontram-se em todas as versões. Antes de mais, a dimensão universal da tarefa confiada aos Apóstolos: « todas as nações » (Mt 28,19); « pelo mundo inteiro, a toda a criatura » (Mc 16,15); « todos os*



povos » (Lc 24,47); « até aos confins do mundo » (At 1,8). Em segundo lugar, a garantia, dada pelo Senhor, de que, nesta tarefa, não ficarão sozinhos, mas receberão a força e os meios para desenvolver a sua missão; ...

Quanto às *diferenças de acentuação* no mandato, **Marcos** apresenta a missão como proclamação ou kerigma: « anunciai o Evangelho » (Mc 16,15). O seu evangelho tem como objetivo levar o leitor a repetir a confissão de Pedro: « Tu és o Cristo » (Mc 8, 29) e a dizer como o centurião romano diante de Jesus morto na cruz: « verdadeiramente este Homem era o Filho de Deus » (Mc 15, 39). Em **Mateus**, o acento missionário situa-se na fundação da Igreja e no seu ensinamento (cf. Mt 28,19-20; 16,18). Em **Lucas**, a missão é apresentada como um testemunho (cf. Lc 24,48; At 1,8), principalmente da ressurreição (At 1,22); o missionário é convidado ... a anunciar a conversão ao amor e à misericórdia de Deus – que Lucas ilustra muito bem ... **João** é o único que fala explicitamente de « mandato » – palavra equivalente a « missão » – e une diretamente a missão confiada por Jesus aos Seus discípulos, com aquela que Ele mesmo recebeu do Pai. ... O fim último da missão é fazer participar na comunhão que existe entre o Pai e o Filho: os discípulos devem viver a unidade entre si, permanecendo no Pai e no Filho, para que o mundo conheça e creia (cf. Jo 17,21.23). Trata-se de um texto de grande alcance missionário, fazendo-nos entender que somos missionários sobretudo por *aquilo que se é*, como Igreja que vive profundamente a unidade no amor, e não tanto por aquilo que se diz ou faz. (RM 23)

Com isto progredimos para o próximo passo da nossa meditação, que é a missão da Igreja, ou seja, de todo o povo de Deus.

#### IV. Missão da Igreja

Pelos apóstolos, a missão recebida do Senhor passou para a Igreja.<sup>52</sup> Também a Igreja recebe sua missão do seio do Deus Uno-e-Trino:

Veio pois o Filho, enviado pelo Pai. ... Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o Seu mistério, realizando, com a própria *obediência*, a redenção. (LG 3).

“Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cf. Jo 17,4), foi *enviado* o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para

---

<sup>52</sup>Cf. PAULO VI, Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo *Evangelii nuntiandi* (= EN), 49 e 59. Como o Concílio Vaticano Segundo declarou no seu último documento, incumbe à Igreja “por mandato divino, o dever de ir por todo o mundo pregar o Evangelho a todas as criaturas” (Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis humanae* [= DH], 13).

que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. *Ef* 2,18)” (LG 4; cf. 7g). Daí a Igreja “recebe a *missão* de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra” (LG 5; cf. 7f). Portanto, a missão é enxertada na Igreja, a partir da sua origem, é própria da sua natureza como *Corpus Christi Mysticum* – de modo semelhante como a missão está inscrita no ser do Homem-Deus, que, em obediência, assumiu a natureza humana.

### 1. Missão salvífica da Igreja

No intuito de explicar a “natureza e *missão* universal” da Igreja, o Concílio Vaticano Segundo ensina: a Igreja, “em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

Cristo, elevado sobre a terra, atraiu todos a Si; ressuscitado de entre os mortos, infundiu [i.e., *enviou*] nos discípulos o Seu Espírito Vivificador e por Ele constituiu a Igreja, Seu corpo, como universal sacramento da salvação. (LG 48)

Como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolúvelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo. (LG 8a)

A Igreja, como instrumento do Espírito Santo, é *enviada* “a salvar e a renovar toda a criatura, para que tudo seja instaurado em Cristo e n’Ele os homens constituam uma só família e um só Povo de Deus” (AG 1).

No desenvolvimento da doutrina eclesial, o pontificado do Papa do Concílio, Paulo VI, constituiu a ponte para o Papa João Paulo II, que, como Bispo, participou no Concílio. O documento decisivo para o nosso tema é a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, a seguir à IIIª Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos de 27 de setembro a 26 de outubro de 1974, que se ocupou com a evangelização do mundo contemporâneo.<sup>53</sup> O

---

<sup>53</sup>O Papa João Paulo II tomou por base este tema da evangelização, ou seja, da nova evangelização, dos primeiros sínodos continentais convocados por ele: “Na perspectiva do Grande Jubileu do Ano 2000, quis que houvesse uma Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para cada um dos cinco Continentes: depois daquelas dedicadas à África (1994), à América (1997), à Ásia (1998) e ultimamente à Oceânia (1998), neste ano de 1999, com a ajuda do Senhor, será celebrada uma nova Assembléia Especial para a Europa. ... Neste sentido, referindo-me a esta série de Assembléias Sinodais, pus em destaque que

termo “evangelização” (*evangelizatio*) usado pelo Concílio<sup>54</sup> torna-se agora a expressão por excelência da missão do Redentor Jesus Cristo e da missão salvífica da Igreja.

O testemunho que o Senhor dá de Si mesmo ...: “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus” (*Lc 4,43*) ... define, numa frase apenas, toda a *missão* de Jesus: “Para isso é que fui enviado” (*ibid.*). ... Todos os aspectos do Seu mistério, a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha e envio dos doze, pela cruz, até à ressurreição e à permanência da Sua presença no meio dos Seus, fazem parte da Sua atividade evangelizadora. (EN 6)

De Jesus Cristo, o “primeiro evangelizador” (cf. EN 7-13) a Igreja recebe sua missão essencial: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14). “Nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. ... Nascida da *missão*, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus” e como “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (EN 15).<sup>55</sup> Neste sentido “toda a Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus” (AG 35; EN 59). Deste modo evangelizar é

... profundamente eclesial. Assim, quando o mais obscuro dos pregadores, dos catequistas ou dos pastores ... prega o Evangelho, reúne a sua pequena comunidade, ou administra um sacramento, mesmo sozinho, ele perfaz um ato de Igreja [, a saber,] em união com a missão da Igreja e em nome da mesma. (ET 60)<sup>56</sup>

Os exemplos de atividades eclesiais, mencionados agora, não abrangem todo o espectro da missão eclesial. A evangelização é uma ação complexa (cf. EN 17). Dela faz parte, em primeiro lugar, o testemunho de uma conduta de vida autenticamente cristã (cf. EN 21 e 76), o dar

---

em todas elas « o tema de fundo é o da evangelização, ou melhor, da nova evangelização, cujas bases foram colocadas pela Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI ». ...” (JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* de 22 de janeiro e 1999, 6).

<sup>54</sup>Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem* (= AA), 2 e 6; AG 6.

<sup>55</sup> Nos capítulos seguintes da Exortação apostólica é concretizado: O que é “evangelizar” (EN 17-24), qual é o conteúdo da evangelização (EN 25-39), as suas vias, (EN 40-48), os seus destinatários (EN 49-58).

<sup>56</sup>Aqui refere-se à Igreja universal (cf. EN 61), para a qual também as Igrejas particulares devem manter a sua abertura para conservar a vitalidade e liberdade da sua missão (cf. EN 64).

testemunho, em comunidade, da fé pela recepção dos sacramentos (cf. EN 23 e 47) assim como na prática da piedade popular (cf. EN 48), o contato pessoal (cf. EN 46) assim como a utilização dos meios de comunicação social para a evangelização (cf. EN 45), o sustentáculo dos fiéis (cf. EN 54) e a nova evangelização dos não praticantes (cf. EN 52 e 56) assim como o primeiro anúncio àqueles que ainda não conhecem ou aceitaram Cristo (cf. EN 55 e 57).

Mas sempre isto se dá “na força do Espírito Santo” que repousou sobre Jesus Cristo (cf. *Lc* 4,14) e por Ele foi primeiro soprado aos apóstolos (cf. *Jo* 20,22), e depois, no dia de Pentecostes, derramado sobre eles. Ele é a alma da Igreja e

... agente principal da evangelização: é Ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é Ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação. Mas pode-se dizer igualmente que Ele é o termo da evangelização: de fato, somente Ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo. (EN 75)<sup>57</sup>

## 2. Missão de todo o Povo de Deus

“A ordem dada aos doze ... continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos” (EN 13). A doutrina do Povo de Deus, que, em continuação da missão de Cristo, é “messiânico”, foi exposta no capítulo II da Constituição conciliar sobre a Igreja: “Estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e *enviado a toda a parte* como luz do mundo e sal da terra (cf. *Mt* 5,13-16)” (LG 9b). Todo o Corpo Místico de Cristo e todos os seus membros têm parte no múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo e são enviados por Ele:

- “Os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são *consagrados* para serem casa espiritual, **sacerdócio** santo, para que, por

---

<sup>57</sup> Nesta conexão Paulo VI afirmou o desejo do Sínodo dos Bispos “de que Pastores e teólogos ... estudem melhor a natureza e os modos da ação do Espírito Santo na evangelização, em nossos dias” (EN 75). Para isto, João Paulo II deu impulsos decisivos e orientações do Magistério: na encíclica *Dominum et vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida e no mundo (de 18 de maio de 1986), na encíclica sobre a missão *Redemptoris missio* de 7 de dezembro de 1990 (esp. capítulo III, n. 21-33), em *Ecclesia in Asia* (capítulo III: “O Espírito Santo: Senhor que dá a vida” (n. 15-18). No contexto ulterior da vida eclesial seria para mencionar também o encontro dos movimentos eclesiais e novas comunidades, convocado para o Pentecostes de 1998, encontro que, por iniciativa do Papa Bento XVI, se realizou novamente neste ano 2006.

meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e *anunciem* os louvores daquele que das trevas os chamou à Sua admirável luz (cf. *1Pd* 2,4-10)” (LG 10a).

- “O Povo santo de Deus participa também da função **profética** de Cristo, *difundindo o Seu testemunho vivo*, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que *confessam* o Seu nome (cf. *Hb* 13,15)” (LG 12a).

- A participação de todos os fiéis na missão **régia** de Cristo está situada num contexto maior, a saber, da unidade e universalidade da Una, Sancta, Catholica et Apostolica Ecclesia:

Ao novo Povo de Deus todos os homens são *chamados*. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve *estender-se* a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que ... resolveu juntar em unidade todos os Seus filhos que estavam dispersos (cf. *Jo* 11,52). Foi para isto que Deus enviou o Seu Filho, ... para ser mestre, *rei* e sacerdote universal, cabeça do novo e universal Povo dos filhos de Deus. Para isto Deus enviou finalmente também o Espírito de Seu Filho, ... o qual é para toda a Igreja e para cada um dos crentes princípio de agregação e de unidade na doutrina e na comunhão dos Apóstolos, na fração do pão e na oração (cf. *At* 2,42). (LG 13a)

Como os apóstolos, assim também a Igreja é enviada e está enviando ao mesmo tempo.

Continua, sem descanso, a *enviar* arautos do Evangelho. ... Pois é *impelida pelo Espírito Santo* a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente. ... Assim a Igreja *reza e trabalha* ao mesmo tempo para que o mundo inteiro se transforme em Povo de Deus. (LG 17)

A missão comum a todos os fiéis repercutiu no Direito Canônico revisado (CIC 1983), onde, no segundo livro, sobre o Povo de Deus, se fala das *obrigações e direitos de todos os fiéis*.

- Entre todos os fiéis ... vigora, no que se refere à dignidade e atividade, uma verdadeira igualdade, pela qual todos, segundo a condição e os múnus próprios de cada um, *cooperam* na construção do Corpo de Cristo (cân. 208).

No sentido da participação na função sacerdotal de Cristo, “todos os fiéis, de acordo com a condição que lhes é própria, devem empenhar suas forças a fim de levar uma vida santa e de promover o crescimento da Igreja e sua contínua santificação” (cân. 210).

- A participação sacramental na função profética de Cristo constitui o direito e o dever de todos os fiéis “de *trabalhar*, a fim de que o anúncio

divino da salvação chegue sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todo o mundo” (cân. 211).

- Como “participação” na missão de Cristo e da Igreja, esta tarefa pode ser cumprida de modo frutífero somente dentro da *communio* eclesial. Por isso, “os fiéis são obrigados a conservar sempre, também no seu modo próprio de agir, a comunhão com a Igreja” (cân. 209).

[E] ... os fiéis, conscientes da própria responsabilidade, estão obrigados a aceitar com obediência cristã o que os sagrados Pastores, como representantes de Cristo, declaram como mestres da fé ou determinam como reitores da Igreja. (cân. 212 § 1)

- [Portanto, como] ... todos os fiéis, já que *participam da missão da Igreja*, têm o direito de promover e sustentar a *atividade apostólica*, segundo o próprio estado e condição, também com iniciativas próprias; nenhuma iniciativa, porém, reivindique para si o nome de católica, a não ser com o consentimento da autoridade eclesiástica competente. (cân. 216)

### 3. Missão “ad gentes”

A missão salvífica da Igreja, da qual participa todo o Povo de Deus, encontra sua expressão mais clara na atividade missionária no sentido estreito, cujos inícios são assentados nos Atos dos Apóstolos. O Concílio Vaticano II dedicou um próprio decreto a esta atividade missionária da Igreja, que foi promulgado em 7 de dezembro de 1965. Dez anos mais tarde, em *Evangelii nuntiandi*, o Papa Paulo VI versou também, em alguns trechos, sobre a *missio ad gentes* ou o primeiro anúncio. 15 anos depois, o Papa João Paulo II publicou a encíclica *Redemptoris missio* “sobre a validade permanente do mandato missionário” e mais tarde dirigiu, na exortação apostólica *Ecclesia in Asia*, a atenção de toda a Igreja ao território missionário atualmente mais importante: à Ásia, berço das religiões mundiais, inclusive, do cristianismo (cf. *Ecclesia in Asia*, 6) e espaço vital da maioria preponderante do mundo contemporâneo que ainda não conhece a Cristo e Seu Evangelho.

#### a) Doutrina do Vaticano II

Também a missão no sentido mais estreito da *missio ad gentes* é fundamentada na natureza da Igreja a partir da sua origem: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2; ref. a isto ainda 3-4). Na sua *missão* “de propagar a fé e a salvação de Cristo ... [a Igreja] continua esta missão e explicita através da história a

missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres” (AG 5, cf. LG 17). Da origem trinitária da Igreja (cf. também LG 2-4) resulta “que a atividade missionária dimana intimamente da própria natureza da Igreja” (AG 6). A sua razão está no desígnio de Deus que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos” (1Tm 2, 4-6), “e não há salvação em nenhum outro” (At 4, 12; citado em AG 7). “A atividade missionária desenrola-se entre o primeiro advento do Senhor e o segundo. ... Mas antes de o Senhor vir, tem de ser pregado o Evangelho a todos os povos (cf. Mc 13,10)” (AG 9).

Às iniciativas particulares com que os pregoeiros do Evangelho, que vão pelo mundo inteiro *enviados pela Igreja*, executam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar essa mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo, dá-se geralmente o nome de “missões” (AG 6).

Uma problemática particular desta atividade missionária resulta de duas doutrinas do Concílio:

- Uma diz respeito ao fato que todos “que ainda não receberam o Evangelho” estão orientados para o Povo de Deus e têm a possibilidade da salvação também fora da pertença visível à comunhão eclesial, como é explicado em LG 16.<sup>58</sup>

- A outra é especificada na declaração sobre a liberdade religiosa que foi promulgada como último documento conciliar imediatamente depois do decreto sobre as missões. Lá está pormenorizado que

... a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido, dentro dos devidos limites, de proceder segundo a mesma, em particular e em público, só ou associado com outros. (DH 2)<sup>59</sup>

Como também à luz da revelação o ato da fé “é por sua própria natureza voluntário” (DH 10), ninguém pode ser forçado a abraçar a fé (cf. DH 11-12).

---

<sup>58</sup> Cf. AG 7 e Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje *Gaudium et spes* (= GS), 22.

<sup>59</sup> Acerca da liberdade pessoal veja DH 3; acerca da liberdade na comunidade veja DH 4; e na família veja DH 5.

Um entendimento superficial e errôneo desta doutrina eclesiástica contribuiu nos anos seguintes à confusão na teologia e ao desconcerto na praxe da *missio ad gentes*. A isto Paulo VI e após ele João Paulo II responderam com toda a clareza. As necessárias clarificações levaram, como já aconteceu tantas vezes na história da Igreja, ao aprofundamento e desenvolvimento da percepção da atividade missionária como também da missão da Igreja em geral.

### **b) Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, 1975**

No contexto da evangelização em toda a largura da missão salvífica eclesiástica, o Papa Paulo VI tratou também a ação missionária no sentido mais estreito, esclarecendo certas interpretações erradas e certos mal-entendidos. Ainda que o testemunho da vida cristã tenha prioridade e seja o elemento primário da evangelização (cf. EN 21 e 41; também RM 42), este testemunho necessita do desenvolvimento

... por um *anúncio* claro e inelutável do Senhor Jesus. ... Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados. (EN 22; cf. 65 e RM 44-45)

Dar a conhecer Jesus Cristo e o Seu Evangelho àqueles que não os conhecem, é precisamente, a partir da manhã do Pentecostes, o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador. (EN 51)

O respeito e a estima para com as religiões não-cristãs, nas quais Deus muitas vezes é procurado e venerado “com sinceridade e retidão de coração”, nas quais se acham muitas “sementes da Palavra” não pode ser motivo para a Igreja calar “diante dos não-cristãos, o anúncio de Jesus Cristo. Pelo contrário, ela pensa que essas multidões têm o direito de conhecer as riquezas do mistério de Cristo (cf. *Ef* 3,8)” (EN 53, cf. 57 e RM 10-11, 16-17).

O anúncio, de fato, não adquire toda a sua dimensão, senão quando ele for ouvido, acolhido, assimilado e quando ele tiver feito brotar naquele que assim o tiver recebido uma adesão do coração. ... Uma tal adesão ... manifesta-se concretamente por uma entrada visível numa comunidade de fiéis”, a saber: “adesão à Igreja, aceitação dos sacramentos. (EN 23; cf. 47 e RM 46-47)

À objeção que a ação missionária eclesiástica prejudique a liberdade religiosa, o Papa responde:

É claro que seria certamente um erro impor qualquer coisa à consciência



dos nossos irmãos. Mas propor a essa consciência a verdade evangélica e a salvação em Jesus Cristo, com absoluta clareza e com todo o respeito pelas opções livres que essa consciência fará, e isso, “sem pressões coercitivas, sem persuasões desonestas e sem aliciá-la com estímulos menos retos” (AG 4), longe de ser um atentado à liberdade religiosa, é uma homenagem a essa liberdade. (EN 80)

A “maneira respeitosa de propor Cristo e o Seu reino, mais do que um direito, é um dever do evangelizador” (EN 80; cf. RM 39).

**c) João Paulo II, *Redemptoris missio*, 1990 -  
*Ecclesia in Asia*, 1999**

A encíclica *Redemptoris missio* de 7 de dezembro de 1990 trata diretamente da *missio ad gentes* e, já no início, toma posição perante as perguntas: “Ainda é atual a missão entre os não cristãos? Não estará por acaso substituída pelo diálogo interreligioso?” e “O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão?” (RM 4). Trata-se aqui da questão elementar: “Para quê, pois, a missão?”

A resposta é traçada no capítulo I (“Jesus Cristo único Salvador”). Porque em Seu Filho, Deus “deu-se a conhecer do modo mais pleno” (cf. *Hb* 1,1-2 e *Jo* 14,6), a Igreja

... não pode deixar de proclamar o Evangelho, ou seja, a plenitude da verdade que Deus nos deu a conhecer de Si mesmo. Cristo é o único mediador entre Deus e os homens. ... Os homens, portanto, só poderão entrar em comunhão com Deus através de Cristo, e sob a ação do Espírito. Esta Sua mediação única e universal ... é a via estabelecida pelo próprio Deus. (RM 5)

A Igreja que Cristo adquiriu com o Seu Sangue (cf. *At* 20,28) é “Sua cooperadora na obra da salvação universal. Com efeito, *Cristo* vive nela, é o seu Esposo, realiza o seu crescimento, e *cumpra a Sua missão através dela*” (RM 9). Por conseguinte, a Igreja, “respeitando todas as crenças e todas as sensibilidades”, deve afirmar a sua “fé em Cristo, único Salvador do homem” (RM 11).

“O anúncio e o testemunho de Cristo, quando feitos no respeito das consciências, não violam a liberdade. A fé exige a livre adesão do homem” (RM 8). Em realidade a fé promove e aperfeiçoa a liberdade dos filhos de Deus.

Todas as formas de atividade missionária se caracterizam pela consciência de promover a liberdade do homem, anunciando-lhe Jesus Cristo. A Igreja deve ser fiel a Cristo, já que é o Seu Corpo e continua a Sua missão. ... Por

outro lado, a Igreja dirige-se ao homem no pleno respeito da sua liberdade: a missão não restringe a liberdade, pelo contrário, favorece-a. A Igreja propõe, não impõe nada: respeita as pessoas e as culturas, detendo-se diante do sacrário da consciência. (RM 39)

Neste sentido, o **diálogo** interreligioso nem é uma alternativa, nem um contraste à atividade missionária. Antes

... faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão *ad gentes*; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão. (RM 55; ref. a isto 56-57) <sup>60</sup>

A exortação pós-sinodal *Ecclesia in Asia* torna a falar, nove anos mais tarde, sobre este pensamento, que é ainda aprofundado pela dimensão da Igreja enquanto comunhão (*communio*), que está intimamente relacionada com a missão. A Igreja, segunda a definição conhecida do Vaticano II, é “em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1; cf. LG 48). Esta afirmação sobre a natureza da Igreja indica ao mesmo tempo o objetivo da sua missão missionária (cf. *Cat.* 775).

A primeira finalidade da Igreja é ser o sacramento da união íntima da pessoa humana com Deus, e, porque a comunhão das pessoas entre si está enraizada nesta união com Deus, a Igreja é também o sacramento da unidade da raça humana. Na Igreja, esta unidade já começou. (*Ecclesia in Asia*, 24)

A comunhão com Jesus ... é condição indispensável para produzir fruto [ – segundo a palavra do Senhor em *Jo* 15,5 – ] e a comunhão com os outros, que é dom de Cristo e do Seu Espírito, é o fruto mais esplêndido que os ramos podem dar. Neste sentido, comunhão e missão estão inseparavelmente ligadas entre si. Compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de « a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão » (*Ecclesia in Asia*, 24).<sup>61</sup>

[O diálogo] ... não é uma mera estratégia para a coexistência pacífica entre os povos; é uma *parte essencial da missão da Igreja*, porque tem a sua origem no amoroso diálogo de salvação do Pai com a humanidade, através

---

<sup>60</sup> Veja ref. a isto: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO – CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Diálogo e Anúncio*, de 19 de maio de 1991 (A Voz do Papa 149), São Paulo <sup>3</sup>1999.

<sup>61</sup> O Papa cita aqui a carta apostólica sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles laici* de 30 de dezembro de 1988, n. 32.

do Filho no poder do Espírito Santo” (*Ecclesia in Asia*, 29).

Do ponto de vista cristão, o diálogo interreligioso é mais do que um simples meio para favorecer o conhecimento e enriquecimento mútuo; é uma parte da missão evangelizadora da Igreja, uma expressão da missão “ad gentes”. O que move os cristãos ao diálogo interreligioso é a firme convicção de que a plenitude da salvação vem apenas de Cristo, e que a Igreja, comunidade à qual a mesma está entregue, é o meio ordinário de salvação. (*Ecclesia in Asia*, 31)

Com esta percepção de diálogo (interreligioso) e de missão, o Papa, de certo modo, vai além das afirmações da encíclica RM aduzidas antes, e ao mesmo tempo mostra o fim último e supremo da missão da Igreja:

A **comunhão** e o diálogo são dois aspectos essenciais da *missão* da Igreja, que tem o seu *modelo* infinitamente transcendente no mistério da Santíssima Trindade, *da Qual provém e à Qual deve retornar toda a missão*. (*Ecclesia in Asia*, 31)

Não é por acaso que, olhando para a Ásia, se aprofunda e se desenvolve, de modo mais intenso, o entendimento eclesiástico da missão e do diálogo, visto que na Ásia vive a maior parte da humanidade – quase 4 dos mais de 6 bilhões dos homens – dos quais 3,5 bilhões não conhecem ou reconhecem Cristo. Ali a Igreja é, mais do que em outras partes, um “pequeno rebanho” no meio de seguidores numerosos de outras religiões como o Islame, o Hinduísmo, Budismo e Confucianismo.<sup>62</sup> Mas também ali “Jesus derramou o Espírito Santo sobre os Seus discípulos e os enviou até aos confins da terra para proclamarem a Boa Nova” (*Ecclesia in Asia*, 9). Este

... Espírito que Se movia sobre a Ásia no tempo dos Patriarcas e dos profetas e, ainda mais vigorosamente, no tempo de Jesus Cristo e da Igreja antiga, move-Se agora entre os cristãos asiáticos, fortalecendo o testemunho da sua fé no meio dos povos, culturas e religiões do Continente. Tal como o esplêndido diálogo de amor entre Deus e o homem foi preparado pelo Espírito e realizado em terra asiática no mistério de Cristo, assim também o diálogo entre o Salvador e os povos do Continente continua hoje pelo poder do mesmo Espírito Santo, em ação na Igreja. (*Ecclesia in Asia*, 18)

---

<sup>62</sup> Um bom resumo sobre a situação da Igreja e da missão na Ásia foi dado pelo Arcebispo de Seoul, o Cardeal Nicholas Cheong Jin-suk, por ocasião da celebração do 40º aniversário do decreto sobre a atividade missionária *Ad Gentes* na Universidade Pontifícia Urbaniana no mês de março de 2006 (veja: *L'Osservatore Romano*, edizione quotidiana del 18 Giugno 2006, p. 7-8).

## V. Missões na Igreja – diferenciadas segundo os Estados e Formas de Vida

No último capítulo dedicamos nossa atenção à missão no interior da Igreja, enquanto dimensão da sua vida e atividade. Da diversidade das vocações, carismas e ministérios – tanto no nível pessoal como no nível comunitário – escolhemos um aspecto, a saber, a diferenciação segundo os grandes estados e formas de vida no povo de Deus. Lá encontra-se em primeiro lugar a constituição hierárquica da Igreja, que é de origem divina e constitui a diferença dos ministros sagrados e dos leigos (cf. LG 43b); a isto junta-se a vida consagrada, cuja forma mais antiga é a vida religiosa (*vita religiosa*).

### 1. Missão da Hierarquia eclesiástica

O terceiro capítulo da constituição conciliar sobre a Igreja trata da constituição hierárquica. Nos Bispos, como sucessores dos Apóstolos, a continuação da missão dos Apóstolos é realizada no modo mais direto; tratamos, mais uma vez, brevemente deste assunto aqui. No início é afirmada a doutrina do Concílio Vaticano I

... que Jesus Cristo, pastor eterno, edificou a Igreja *tendo enviado os Apóstolos como Ele fora enviado pelo Pai* (cf. *Jo* 20,21); e quis que os sucessores deles, os Bispos, fossem pastores na Sua Igreja até ao fim dos tempos. Mas, para que o mesmo episcopado fosse uno e indiviso, colocou o bem-aventurado Pedro à frente dos outros Apóstolos e nele instituiu o princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão. (LG 18b)

A *missão divina* confiada por Cristo aos Apóstolos durará até ao fim dos tempos (cf. *Mt* 28,20). ... Pelo que os Apóstolos trataram de estabelecer sucessores. ... Para que a *missão* que lhes fora entregue se continuasse após a sua morte, confiaram a seus imediatos colaboradores, como em testamento, o encargo de completarem e confirmarem a obra começada por eles. (LG 20)

#### a) Os Bispos

“Os Bispos, como sucessores dos Apóstolos, recebem do Senhor, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, a *missão* de ensinar todos os povos e de pregar o Evangelho a toda a criatura” (LG 24). Pela consagração episcopal, é conferido o *múnus* tríplice de santificar, de ensinar e de governar (cf. cân. 375 § 2).

Na pessoa dos Bispos, assistidos pelos presbíteros, está presente no meio dos fiéis o Senhor Jesus Cristo, pontífice máximo. Sentado à direita de Deus

Pai, não deixa de estar presente ao corpo dos Seus pontífices, mas, antes de mais, por meio do seu exímio ministério, *prega* a todas as gentes a palavra de Deus, *administra* continuamente aos crentes *os sacramentos* da fé. ... Com sabedoria e prudência, *dirige* e orienta o Povo do Novo Testamento na peregrinação para a eterna felicidade. (LG 21a)

A relação intrínseca entre missão e *communio*, já ilustrada anteriormente, que é fundamentada na origem trinitária da missão eclesial, torna-se evidente também aqui. Ainda antes da missão do Bispo individual como pastor da sua Igreja particular, fala-se do “colégio” dos Bispos.

Assim como, por instituição do Senhor, S. Pedro e os restantes Apóstolos formam um colégio apostólico, assim de igual modo estão *unidos entre si* o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos Apóstolos. (LG 22a)

Por este motivo a consagração e a missão, que são conferidos pela consagração episcopal, “por sua própria natureza só podem ser exercidas em comunhão hierárquica com a cabeça e os membros do colégio episcopal” (LG 21b; cân. 375 § 2). A *missão canônica* dos Bispos realiza-se então segundo os regulamentos eclesiais e “por leis ou diretamente pelo próprio sucessor de Pedro”, sem cujo consentimento “não poderão os Bispos entrar no exercício do seu cargo” (LG 24).

## b) Os Presbíteros

A consagração e missão dos presbíteros é explicada, partindo outra vez da missão do Filho de Deus:

Por meio dos Seus Apóstolos, Cristo, *a quem o Pai santificou e enviou ao mundo* (Jo 10,36), tornou os Bispos, que são sucessores daqueles, participantes da *Sua consagração e missão*: e estes transmitiram legitimamente o múnus do seu ministério em grau diverso e a diversos sujeitos. Assim, o *ministério eclesial, instituído por Deus*, é exercido em ordens diversas por aqueles que desde a antiguidade são chamados Bispos, presbíteros e diáconos. Os presbíteros, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos Bispos no exercício do próprio poder, porém ... são *consagrados* ... para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino ... (LG 28a)

O decreto do Concílio sobre o ministério e a vida dos presbíteros coloca logo no primeiro capítulo o presbiterato no contexto da “*missão da Igreja*”, partindo da missão do Filho de Deus:

O Senhor Jesus, « a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, (Jo 10,36), tornou participante todo o Seu Corpo místico da unção do Espírito com que

Ele mesmo tinha sido ungido. ... Não há, portanto, nenhum membro que não tenha parte na *missão* de todo o corpo. (PO 2a)

[Ora] ... enviando os Apóstolos assim como Ele tinha sido enviado pelo Pai, Cristo, através dos mesmos Apóstolos, tornou participantes da Sua consagração e missão os sucessores deles, os Bispos, cujo cargo ministerial, em grau subordinado, foi confiado aos presbíteros, para que, constituídos na Ordem do presbiterado, fossem cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da *missão* apostólica *confiada por Cristo*. (PO 2b)

Mediante o sacramento da ordenação sacerdotal “os presbíteros ficam assinalados com um caráter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que *possam agir em nome de Cristo cabeça*” (PO 2c).

De modo semelhante aos Bispos, também a consagração e missão dos presbíteros desenvolve-se no *múnus* tríplice de ensinar, santificar e governar (cf. PO 2-4).

[E] ... todos os presbíteros participam de tal maneira com os Bispos no mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo que a *unidade de consagração e missão* requer a sua comunhão hierárquica com a Ordem Episcopal. (PO 7)

Os presbíteros “estão unidos entre si numa íntima fraternidade sacramental” e “na diocese a cujo serviço, sob o Bispo respectivo, estão adscritos, formam um só presbitério” (PO 8). Para além dos confins da Igreja local, cada “ministério sacerdotal participa da *amplitude universal da missão* confiada por Cristo aos apóstolos” (PO 10a).

### c) Os Diáconos

Os diáconos finalmente “*servem* o povo de Deus no serviço (*diaconia*) da liturgia, da palavra e da caridade, em *comunhão* com o bispo e o seu presbitério” (LG 29). O sacramento da ordenação diaconal, em conjunto com a missão canônica através do próprio Bispo, confere ao diácono

... uma especial participação na consagração e *missão d’Aquele* que se fez servo do Pai na redenção do homem e o insere, dum modo novo e específico, no mistério de Cristo, da Igreja e da salvação do homem.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos permanentes*, de 22 de fevereiro de 1998, n. 46. Lá a doutrina do Concílio sobre o diaconado é indicada de modo ainda mais nítido: “O diaconado tem a sua origem na *consagração* e na *missão* de Cristo, nas quais o diácono é chamado a participar” (n. 1).

O nome e a natureza do *διάκονος* referem de modo específico à missão de Cristo:

Com o diaconado, tende-se a realizar o que Jesus disse da Sua *missão*: “O Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir e dar a Sua vida em redenção de muitos” (*Mc* 10,45; *Mt* 20,28). Assim o diácono vive, por meio e no seio do seu ministério, a virtude da obediência: quando realiza fielmente os encargos que lhe foram confiados, serve o episcopado e o presbiterado nos « munera » da *missão* de Cristo.<sup>64</sup>

Ainda que o diaconado não chega ao segundo grau da Ordem e do poder sacerdotal, trata-se na ordenação diaconal de uma específica identificação sacramental com Cristo. Esta exprime-se, talvez de modo mais intenso, no âmbito do anúncio litúrgico da Palavra, porque “na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho” (SC 33a). O anúncio litúrgico do Evangelho e a homilia são reservados aos ministros consagrados da Palavra, aos quais pertencem também os diáconos (cf. cân. 767 § 1).

## **2. A Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo**

Já na definição do “leigo” encontramos o conceito e a realidade da missão eclesial:

Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, *pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo.* (LG 31a)

O fato da missão dos leigos na Igreja e no mundo, constituída nos Sacramentos do Batismo e da Confirmação (e do Matrimônio), partir originalmente do próprio Cristo, é ressaltado no CIC 1983 pelo dever dos clérigos de “reconhecer e promover a *missão* que os leigos exercem na Igreja e no mundo, cada um conforme a parte que lhe cabe” (cân. 275 § 2).

Como é exposto no parágrafo seguinte, a missão dos leigos realiza-se também imediatamente “no mundo” (LG 31b).

Existe na Igreja diversidade de funções, mas *unidade de missão*. Aos Apóstolos e seus sucessores, confiou Cristo a missão de ensinar, santificar e governar em Seu nome e com o Seu poder. Mas os leigos ... têm um *papel*

---

<sup>64</sup> *Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos permanentes*, 44.

*próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo. Exercem, com efeito, apostolado com a sua ação para evangelizar e santificar os homens e para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho. (AA 2b; cf. 5-7)*

[Este apostolado] ... *é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação. ... Os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, « segundo a medida concedida por Cristo » (Ef4,7). (LG 33b)*

### a) Participação no tríplice múnus de Cristo

A doutrina do último Concílio quanto à participação do povo de Deus no múnus tríplice de Cristo, mencionada acima, é apresentada em termos muitos gerais, porque, nos diversos estados eclesiais, recebe um cunho distinto. A distinção da hierarquia, a vocação e missão dos leigos se apresentam do modo seguinte:

- O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus, querendo também por meio dos leigos *continuar o Seu testemunho e serviço*, vivifica-os pelo Seu Espírito e sem cessar os incita a toda a obra boa e perfeita. E assim, àqueles que *intimamente associou à própria vida e missão*, concedeu também participação no seu **múnus sacerdotal**, a fim de que exerçam um culto espiritual, para glória de Deus e salvação dos homens. Por esta razão, os leigos, enquanto consagrados a Cristo e unguídos no Espírito Santo, têm uma vocação admirável e são instruídos para que os frutos do Espírito se multipliquem neles cada vez mais abundantemente. ... E deste modo, os leigos, agindo *em toda a parte santamente, como adoradores*, consagram a Deus o próprio mundo. (LG 34)
- Cristo, o grande profeta, que pelo testemunho da vida e pela força da palavra proclamou o reino do Pai, realiza a Sua **missão profética** ... não só por meio da Hierarquia, que em Seu nome e com a Sua autoridade ensina, mas também por meio dos leigos; para isso os *constituiu testemunhas*, e lhes concede o sentido da fé e o *dom da palavra* (cf. At 2, 17-18; Ap 19,10) a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida quotidiana, familiar e social. (LG 35a)

Do mesmo modo que os sacramentos da nova lei ... prefiguram um novo céu e uma nova terra (cf. Ap 21,1), assim os leigos tornam-se *valerosos arautos* da fé naquelas realidades que esperamos (cf. Hb 11,1), se juntarem sem hesitação, a uma vida de fé, a profissão da mesma fé” (LG 35b).



Manifestem a esperança na glória futura “pela contínua conversão e pela luta « contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal » (*Ef* 6,12) ... também nas estruturas da vida secular” (LG 35a).

- Tendo-se feito obediente até à morte e tendo sido, por este motivo, exaltado pelo Pai (cf. *Fl* 2, 8-9), entrou Cristo na glória do Seu reino. Todas as coisas Lhe estão sujeitas, até que Ele se submeta, e a todas as criaturas, ao Pai, para que Deus seja tudo em todos (cf. *1Cor* 15, 27-28). Comunicou este **poder [régio]** aos Seus discípulos, para que também eles sejam constituídos em régia liberdade e, com a abnegação de si mesmos e a santidade da vida, vençam em si próprios o reino do pecado (cf. *Rm* 6,12); mais ainda, para que, servindo a Cristo também nos outros, conduzam os seus irmãos, com humildade e paciência, àquele Rei, a quem servir é reinar. Pois *o Senhor deseja dilatar também por meio dos leigos o Seu reino ...* (LG 36)<sup>65</sup>

## b) Matrimônio e Família

A seguir à missão original do homem a partir da sua criação (veja acima II, 1), deve-se refletir aqui também sobre o matrimônio cristão e a família cristã, que especificam, de modo particular, a missão dos leigos descrita acima. Os esposos cristãos têm o seu próprio dom (*1Cor* 7,7 usa aqui o termo *χάρισμα*), que remonta à ordem da criação (cf. GS 50a). Além disso, “os esposos cristãos são fortalecidos e como que *consagrados* em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial” (GS 48b; cf. LG 11).

“Os cônjuges cristãos ... significam e participam do mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (cf. *Ef* 5, 32)”. A própria família é uma espécie de “Igreja doméstica”, na qual “os pais devem ser para os filhos, pela palavra e o exemplo, os primeiros *arautos da fé*” (LG 11). A vida conjugal e familiar é “um exercício e uma admirável *escola de apostolado dos leigos*. ... Aí encontram os esposos a sua vocação própria, de serem um para o outro e para os filhos as *testemunhas* da fé e do amor de Cristo” (LG 35c). Porém, esta sua vocação vai para além da própria família e da ordem temporal: “A família cristã *proclama* em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada” (LG 35c). Ela “*manifestará* a todos a presença viva

---

<sup>65</sup> A doutrina do Vaticano II é então aprofundada e desenvolvida na exortação pós-sinodal do Papa João Paulo II sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles laici* de 30 de dezembro de 1988.

do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja [sic!]” (LG 48d).

[E] ... os esposos sabem que no dever de transmitir e educar a vida humana – dever que deve ser considerado como *a sua missão específica* – eles são os cooperadores do amor de Deus criador e como que os seus intérpretes. (GS 50b)

“A vida humana, e a missão de a transmitir ... estão sempre relacionadas com o eterno destino do homem” (GS 51d).<sup>66</sup>

### c) *Codex Iuris Canonici*, 1983

No livro II do CIC 1983: *Das Obrigações e Direitos dos Fiéis Leigos* (cân. 224-231) é pressuposta a missão comum a todos os fiéis (cf. cân. 224), porém formulada em relação à vocação própria dos leigos ou complementada por obrigações e direitos específicos:

- A missão de todos os fiéis *na Igreja* “de trabalhar, a fim de que o anúncio divino da salvação chegue sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todo o mundo” (cân. 211) é formulada para os leigos deste modo:

Por meio do batismo e da confirmação, são destinados por Deus ao apostolado, os leigos, *individualmente ou reunidos em associações, têm obrigação geral e gozam do direito de trabalhar* para que o anúncio divino da salvação seja conhecido e aceito por todos os homens, em todo o mundo ... (cân. 225 § 1)

#### - *À missão dos leigos no mundo*

... de animar e aperfeiçoar com o espírito evangélico a ordem das realidades temporais, e assim dar testemunho de Cristo, especialmente na gestão dessas realidades e no exercício das atividades seculares ... (cân. 225 § 2)

... [corresponde o] direito dos fiéis leigos que lhes seja reconhecida, nas coisas da sociedade terrestre, aquela liberdade que compete a todo os cidadãos; usando dessa liberdade, procurem imbuir suas atividades com o espírito evangélico ... (cân. 227)

- Segundo o cân. 226, a vocação e missão dos *esposos* cristãos é “trabalhar pelo matrimônio e pela família, na construção do povo de Deus” (§ 1) e “cuidar da educação cristã dos filhos, segundo a doutrina transmitida pela Igreja” (§ 2).

---

<sup>66</sup> Veja também: exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II sobre a função da família cristã no mundo de hoje *Familiaris consortio* de 22 de novembro de 1981.

A dimensão comunitária da missão própria dos leigos na Igreja e no mundo realiza-se de modo fundamental na paróquia, a comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular (cf. cân. 515 § 1).<sup>67</sup> Pode concretizar-se também nas “associações” (*consociationes*) mencionadas no cân. 225 § 2, para as quais os cân. 298-329 oferecem a lei básica – isto vale, aliás, também para os clérigos assim como para a colaboração de clérigos (sacerdotes, diáconos) e leigos. É sobre este fundamento que hoje em dia os novos movimentos espirituais (eclesiais) e comunidades desenvolvem a sua atividade. Como os fiéis individuais, também estas associações estão inseridas, de acordo com o cân. 209 § 1 na *communio* da Igreja local e universal e sem exceção estão sujeitas à vigilância da autoridade eclesiástica competente (cf. cân. 305 e 312).<sup>68</sup>

### **3. A Missão dos Consagrados (em particular dos Religiosos)**

De modo distinto dos leigos, dos quais é própria a “característica secular” (cf. LG 31b), os religiosos “renunciando ao mundo, viv[em] exclusivamente para Deus” (PC 5a). De modo semelhante à vida religiosa, também nos Institutos seculares permanece a tarefa mais importante dos seus membros, “fazer uma total doação de si mesmos a Deus na caridade perfeita” (PC 11), para que sejam capazes, conforme a sua vocação, de “cooperar para a santificação do mundo, principalmente a partir de dentro” (cân. 710; cf. cân. 713-714). O desenvolvimento da doutrina eclesial desde o Vaticano II auferiu um novo impulso significativo e alcançou um apogeu na Exortação apostólica sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo *Vita consecrata*, cuja implementação completa na doutrina e na vida da Igreja ainda está longe de estar concluída.

---

<sup>67</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, 26-27. A paróquia é “o lugar onde ordinariamente o fiel se reúne para crescer na fé, viver o mistério da comunhão eclesial e tomar parte na missão da Igreja” (*Ecclesia in Asia*, 25).

<sup>68</sup> Na sua mensagem ao Congresso dos Movimentos eclesiais e novas Comunidades do dia 22 de maio de 2006, o Papa Bento XVI escreveu: “Os Movimentos eclesiais e as novas Comunidades são hoje sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, sua Esposa. Vós pertenceis à estrutura viva da Igreja. Ela agradece-vos pelo vosso *compromisso missionário*, pela ação formativa que desempenhais de modo crescente sobre as famílias cristãs, para a promoção das vocações ao sacerdócio ministerial e à vida consagrada que desenvolvéis no vosso âmbito. Agradece-vos também pela disponibilidade que demonstrais ao receber as indicações operativas não só do Sucessor de Pedro, mas também dos Bispos das diversas Igrejas locais, que são, juntamente com o Papa, guardas da verdade e da caridade na unidade.”

## a) Doutrina do Vaticano II

Os conselhos evangélicos de castidade, de pobreza e de obediência, fundados sobre a palavra e o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, são “um dom divino, que a mesma Igreja recebeu do Seu Senhor e com a Sua graça sempre conserva” (LG 43a). Até ao Concílio Vaticano Segundo, a origem divina da vida consagrada na Igreja foi – de modo semelhante à vocação e missão dos leigos – de maneira nenhuma uma coisa clara. Ainda durante o Concílio houve a opinião de que a vida segundo os conselhos fosse uma forma de vida puramente eclesiástica.<sup>69</sup> Deus chama tanto clérigos como leigos a usufruírem este dom especial na vida da Igreja “e, cada um a seu modo, a ajudarem a sua *missão salvadora*” (LG 43b), a saber, a “trabalharem, ... quer pela oração, quer pela atividade apostólica, para implantar e robustecer o reino de Cristo nas almas e dilatá-lo a todo o mundo” (LG 44b). A profissão dos conselhos evangélicos “testemunha da vida nova e eterna, adquirida com a redenção de Cristo, e preannuncia a ressurreição futura e a glória do reino celeste”. Deste modo, a vida religiosa torna-se um “sinal, que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprirem com diligência os deveres da vocação cristã” (LG 44c).

Por intermédio dos religiosos, a Igreja é capaz de revelar Cristo

... orando sobre o monte, anunciando às multidões o reino de Deus, curando os doentes e feridos, trazendo os pecadores à conversão, ... obediente em tudo à vontade do Pai que O *enviou*. (LG 46a)

Os membros de Institutos contemplativos

... oferecem a Deus sacrifício exímio de louvor, enriquecem com abundantes frutos de santidade o povo de Deus, movem-no com o seu exemplo e dilatam-no mercê da sua *misteriosa fecundidade apostólica*. (PC 7)

Os Institutos ativos desempenham sua atividade apostólica ou caritativa como serviço sagrado em nome da Igreja (cf. PC 8). Ainda que nestes Institutos esta atividade pertença à “própria natureza da vida religiosa” (PC 8), a vida religiosa de modo algum se esgota nelas.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Cf. Paolo MOLINARI, *Testimonia sulla redazione del Decreto Perfectae Caritatis*, em: *Sequela Christi*. Periodica Congregationis pro Institutis vitae consecratae et Societatibus vitae apostolicae, 2005/02, 28-47, esp. 32-33.

<sup>70</sup> Veja: S. CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECULARES, *A dimensão contemplativa da Vida religiosa*, (Documentos Pontifícios 194), Petrópolis <sup>2</sup>1982. ID., *Elementos essenciais da Doutrina da Igreja sobre a Vida religiosa aplicados aos Institutos consagrados ao Apostolado*, (Documentos Pontifícios 200), Petrópolis 1983.

Dos conselhos evangélicos, ou seja, votos, a **obediência** está mais estreitamente relacionada com a missão. Por este voto, a pessoa consagrada sujeita-se “na fé aos Superiores, vigários de Deus”, e por eles é levada

... a servir todos os seus irmãos em Cristo, da mesma maneira que o próprio Cristo, por causa da Sua sujeição ao Pai, serviu os irmãos e deu a Sua vida para redenção de muitos. (PC 14a; cf. cân. 601)

### b) Paulo VI, *Evangelica testificatio*, 1971

Na sua exortação sobre a renovação da vida religiosa segundo o ensinamento do Vaticano II *Evangelica testificatio*<sup>71</sup> o Papa Paulo VI coloca no centro o “testemunho” que está intrinsecamente relacionado com a “missão” das pessoas consagradas.<sup>72</sup> O *testemunho* dos religiosos está imediatamente *no serviço da missão salvífica* de Cristo, que a Igreja continua,

... na medida em que entra no dinamismo do próprio Cristo, que reconduz todas as coisas ao Seu Pai. ... O chamado de Deus orienta-vos [religiosos], de fato, da maneira mais direta e mais eficaz, no sentido do Reino eterno. Através das tensões espirituais inevitáveis em toda a vida verdadeiramente religiosa, vós dais *testemunho* “de maneira magnífica e singular, de que o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus, sem o espírito das Bem-aventuranças” (LG 31). (ET 50)

### c) *Codex Iuris Canonici*, 1983

A *missão* dos religiosos está primariamente no seu ser, na sua forma de vida do seguimento mais de perto de Cristo, e só secundariamente numa determinada atividade exterior, mesmo que esta pertença ao carisma de um Instituto ativo. A seguinte definição da vida consagrada vale, de certo modo, também para os Institutos seculares:

A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo, consagram-se totalmente a Deus sumamente amado, para assim, dedicados por título novo e especial a Sua honra, à construção da Igreja e à salvação do mundo, alcançarem a perfeição da caridade no

---

<sup>71</sup> = ET.

<sup>72</sup> As partes principais deste documento tocam a vida religiosa na sua fundamentação teológica e forma eclesial (ET 7-12), os votos individuais (ET 13-29), disciplina de vida e vida comunitária (ET 30-41) assim como a vida de oração (ET 42-50).

serviço do Reino de Deus e, transformados em *sinal* preclaro na Igreja, *preanunciarem* a glória celeste. (cân. 573 § 1)

Os *votos religiosos* constituem, além disso, um novo estado canônico e contêm, como elementos essenciais, a vida fraterna em comunidade e a separação do mundo, segundo o cân. 607:

§ 1. A vida religiosa, enquanto *consagração da pessoa toda*, manifesta na Igreja o maravilhoso matrimônio estabelecido por Deus, *sinal do mundo vindouro*. Assim, o religioso consoma sua doação total de si mesmo como sacrifício oferecido a Deus, pelo qual sua existência toda se torna contínuo culto de Deus na caridade.

§ 3. O *testemunho público* a ser dado pelos religiosos a Cristo e à Igreja implica aquela separação do mundo que é própria da índole e finalidade de cada instituto.

Esta hierarquia reflete-se depois também nos *direitos e obrigações dos Institutos e de seus membros*. Se bem que a *missão* dos religiosos varie conforme o carisma do Instituto, não obstante mostra elementos comuns. “Os religiosos tenham como regra suprema da vida o seguimento de Cristo, proposto no Evangelho e expresso nas constituições do próprio instituto” (cân. 662). Daí conclui-se: “A contemplação das coisas divinas e a união com Deus pela oração assídua seja o primeiro e principal *dever* de todos os religiosos” (cân. 663 § 1). Por conseguinte, “dediquem-se à leitura da sagrada Escritura e à oração mental, celebrem dignamente a liturgia das horas de acordo com as prescrições do direito próprio ... e façam outros exercícios de piedade” (§ 3); além disso, “se esforcem em sua própria conversão para Deus, façam também todos os dias o exame de consciência e se aproximem freqüentemente do sacramento da penitência” (cân. 664). Estes não são meramente exercícios espirituais que os religiosos cultivam mais intensamente do que os outros cristãos; antes, se trata aqui da sua vocação e *missão* própria e autêntica *na Igreja*. Pois também “o *apostolado* de todos os religiosos consiste, antes de tudo, no *testemunho de sua vida consagrada*, que devem sustentar com a oração e a penitência” (cân. 673). Este testemunho inclui também o hábito religioso “como sinal de sua consagração e como testemunho de pobreza” (cân. 669 § 1).

#### **d) João Paulo II, *Vita consecrata*, 1996**

A IX Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos de outubro de 1994 tinha como tema *A vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo*. Os resultados foram assimilados e promulgados na exortação pós-

sinodal *Vita consecrata*. O conceito de *missão*, que já aparece no título, mostra um significado tríplice: primeiro, a missão da vida consagrada como tal; depois a missão específica dos diversos institutos conforme o seu carisma, e finalmente, missões particulares de membros individuais de institutos, por exemplo, dentro do âmbito do apostolado. Restringimo-nos aqui à missão no primeiro sentido.

O Capítulo I trata dos conselhos evangélicos, pela profissão dos quais a pessoa, chamada por Deus, consagra sua vida ao seguimento mais de perto de Cristo na Igreja: “*Confessio Trinitatis*. Nas fontes cristológico-trinitárias da vida consagrada” (VC 14-40). O Capítulo II abrange a vida comunitária: “*Signum fraternitatis*. A vida consagrada, sinal de comunhão” (VC 14-40). O Capítulo III foca a missão no sentido do apostolado: “*Servitium caritatis*. A vida consagrada, epifania do amor de Deus no mundo” (VC 72-103). Escolhemos aqui os pronunciamentos mais relevantes para o nosso tema.

A missão mais originária e elementar de cada consagrado é já constituída na sua profissão. Em que consiste? – Todos os discípulos de Jesus são chamados a segui-l’O, são santificados pelo Batismo e pela Crisma e enviados ao mundo “para imitar o Seu exemplo e *continuar a Sua missão*”. Aqueles que O seguem mais de perto no caminho dos conselhos evangélicos, são chamados a “*se dedicarem totalmente à missão*; mais, a *própria vida consagrada*, sob a ação do Espírito Santo que está na origem de toda a vocação e carisma, *torna-se missão*, tal como o foi toda a vida de Jesus” (VC 72a). Neste sentido “*a missão é essencial para cada Instituto*, não só nos de vida apostólica ativa, mas também de vida contemplativa” (VC 72a).

Na realidade, a missão, antes de ser caracterizada pelas obras externas, define-se pelo tornar presente o próprio Cristo no mundo, através do testemunho pessoal. Esta é ... a tarefa primária da vida consagrada! Quanto mais se deixa conformar com Cristo, tanto mais O torna presente no mundo e operante para a salvação dos homens. (VC 72b)

“Assim, pode-se afirmar que a pessoa consagrada está «*em missão*» por força da sua *própria consagração*, testemunhada segundo o projeto do respectivo Instituto” (VC 72c).

Isto vale – ao menos nos Institutos religiosos – também para a comunidade.

A vida religiosa participa na missão de Cristo por outro elemento peculiar que lhe é próprio: *a vida fraterna em comunidade para a missão*. Por isso,

a vida religiosa será tanto *mais apostólica* quanto mais íntima for a sua dedicação ao Senhor Jesus, quanto mais fraterna for a sua forma comunitária de existência, quanto mais ardoroso for o seu empenhamento na missão específica do Instituto. (VC 72d)

#### A vida fraterna em comunidade

... é o lugar privilegiado para discernir e acolher a vontade de Deus e caminhar juntos em união de mente e coração. A obediência, vivificada pela caridade, unifica os membros de um Instituto no mesmo testemunho e na mesma *missão*. (VC 92a)

A *participação na missão profética de Cristo*, comum a todos os cristãos, concretiza-se nos consagrados no testemunho profético da castidade, pobreza e obediência. Dentro da Igreja a vida consagrada é enviada para “manter viva nos batizados a consciência dos valores fundamentais do Evangelho” (VC 33), além disso, para fazer “crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins” (VC 51).

A *contribuição específica* dos consagrados e consagradas para a *evangelização* consiste, primariamente, no testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus e aos irmãos, à imitação do Salvador que Se fez servo, por amor do homem. (VC 76).

O profetismo é inerente à vida consagrada enquanto tal, devido ao radicalismo do seguimento de Cristo e da conseqüente dedicação à *missão* que o caracteriza. A função de sinal, que o Concílio Vaticano II atribui à vida consagrada, exprime-se no testemunho profético da primazia que Deus e os valores do Evangelho têm na vida cristã. (VC 84)

Este testemunho dos consagrados, urgente hoje em dia, “versará, primariamente, sobre a afirmação da primazia de Deus e dos bens futuros” (VC 85).

Isto é, em traços essenciais, a missão dos consagrados, ou seja, dos religiosos na Igreja e no mundo. Ela desenvolve-se, então, nos diversos Institutos de vida consagrada que contribuem

... para que a Igreja não só ficasse apta para toda a obra boa (cf. *2Tm* 3,17) e preparada para o ministério da edificação do Corpo de Cristo (cf. *Ef* 4,12), mas, ainda uma vez aformoseada com a variedade dos dons dos seus filhos, se apresente como esposa ornada ao seu esposo (cf. *Ap* 21, 2). (PC 1; cf. VC 3-11)

Aqui pertencem também as novas formas de vida consagrada, que o Espírito Santo suscita e cuja vitalidade deve ser ponderada pela autoridade da Igreja (cf. VC 12 e 62).



## VI. Resumo e Perspectiva

Partindo do testemunho bíblico da criação do homem, vimos que a missão provinda de Deus é uma dimensão original da existência das criaturas, à qual corresponde a resposta da obediência voluntária e do serviço. Resposta esta dada pelas criaturas que são imagens de Deus – anjo e homem. A missão passa então por toda a história da salvação da Antiga Aliança, marcada de modo particular nos profetas, e atinge seu cumprimento na Encarnação do Filho Unigênito de Deus sob a ação do Espírito Santo, que, juntamente com o ato redentor na Cruz, constitui o centro, e ao mesmo tempo a origem e o termo de todas as missões de criaturas até ao fim dos tempos.

Na Nova Aliança, a Igreja é então aquela que é enviada pelo Deus Uno-e-Trino. Nela e através dela o Redentor continua Sua missão para edificar, no meio da criação, o Reino de Deus. Na força do Espírito Santo, o “agente principal” de todo tipo de missão, a Igreja continua a levar a sua missão salvífica, recebida pelo Senhor através dos Apóstolos, até ao último dia como Sacramento, *i.e.*, sinal e instrumento da repatriação de toda a criação remida e santificada para aquela perfeição que João contempla na imagem da Nova Jerusalém, a Esposa do Cordeiro (cf. *Ap* 21,1-22,5) onde Deus é “tudo em todos” (*1Cor* 15,28).

Esta missão salvífica é confiada a todo o Povo de Deus mas de modo diverso, a saber, conforme o estado canônico e os dons espirituais. Como o Concílio Vaticano II salienta, cada fiel recebe sua missão diretamente de Cristo – por um lado, mediante os Sacramentos do Batismo e da Confirmação (e do Matrimônio), por outro lado mediante o Sacramento da Ordem, que tem três graus diversos, assim como, finalmente, mediante a profissão dos conselhos evangélicos. Mas como o Homem-Deus Jesus Cristo realizou Sua missão na terra em íntima comunhão de vida e unidade de vontade com o Pai e o Espírito Santo, e chamou e enviou os Apóstolos como comunidade (dos “doze”), assim cada missão na Igreja se efetua dentro da *communio* em níveis diversos.

Isto vale para a *hierarquia*, na qual é inserida a missão canônica do Bispo na sucessão dos Apóstolos na *communio* colegial do episcopado inteiro “*cum Petro et sub Petro*”, e é inserida a do sacerdote no presbitério em torno do Bispo, enquanto que o ministério dos diáconos é coordenado simultaneamente ao Bispo e ao sacerdote.

Os *leigos* recebem, pela participação no tríplice múnus de Jesus Cristo, que é própria deles, uma missão específica, tanto na vida eclesial

do Povo de Deus – distinta da missão da hierarquia – como também na ordem temporal do “mundo” que deve ser “evangelizado” por eles e que possui a sua própria “autonomia” (cf. GS 36). Mas nesta missão, também eles são incorporados na comunhão eclesial do Corpo Místico e obrigados a conservar esta comunhão sob a direção dos sagrados pastores (cf. cân. 209 e 212).

A missão própria dos *consagrados* consiste primariamente e antes de tudo na profissão dos conselhos evangélicos, no seguimento mais de perto de Cristo. Enquanto a missão dos leigos, por assim dizer, vai “para fora” ao mundo, a vida consagrada aponta profeticamente “para cima”, para a glória do Reino de Deus, e “para diante”, para a ressurreição futura. Mas também esta missão permanece sempre inserida na comunhão da Igreja peregrina e só nesta pode tornar-se fecunda. É atestada pelo reconhecimento canônico de um determinado modo de vida (cf. LG 43a) ou de um Instituto (cf. LG 45a), através do qual o “carisma” peculiar recebe, de certo modo, a sua missão canônica.<sup>73</sup> O voto de obediência caracteriza tanto a vida interior da comunidade e do membro individual como o “apostolado” próprio de cada Instituto que é exercido “em nome da Igreja” como missão eclesial.

A *Communio* e a missão não se restringem de modo algum aos membros humanos da Igreja peregrina. Pois esta está ligada e unida em modos diversos com a Igreja celestial (veja LG, cap. VII, esp. n. 49-51). Na dimensão da *missão* os santos Anjos (cf. *Hb* 1,14) estão ainda mais próximos da Igreja peregrina sobre a terra do que os bem-aventurados “no descanso eterno” (cf. *Ap* 13,13), que “não cessam de interceder em nosso favor junto do Pai” (LG 49).<sup>74</sup> A missão da Igreja peregrina está contida na palavra do Senhor: “Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para pescar!” (*Lc* 5,4), na vocação dos Apóstolos de serem “pescadores de homens” (cf. *Lc* 5,10; *Mt* 4,19; *Mc* 1,17), e mais uma vez na última pesca

---

<sup>73</sup> No nível pessoal é aceita pela Igreja a oblação dos membros individuais na celebração litúrgica (cf. LG 45c), para que o seguimento de Cristo – que tem função de sinal profético para todos os outros membros da Igreja – seja vivido conforme ao carisma próprio do Instituto (cf. VC 36-37) e na comunidade concreta da *vita fraterna* ou da *vita communis* própria de cada Instituto.

<sup>74</sup> Esta união e proximidade na missão exprime-se na *Collecta* do dia 29 de setembro: “Deus, qui miro ordine *angelorum ministeria hominumque dispensas* ...” e de modo semelhante na *Collecta* do dia 2 de outubro: “Deus, qui ineffabili providentia *sanctos angelos Tuos ad nostram custodiam mittere dignaris*, ...”

no lago de Tiberíades (cf. *Jo* 21,1-6.11). Une-se com a missão dos santos Anjos que separam os maus do meio dos justos. Também eles, os trabalhadores na grande colheita de Deus (cf. *Mt* 13,39; *Ap* 14,14-20), serão enviados pelo Filho do Homem (cf. *Mt* 13,44.49): “Ele enviará Seus Anjos ... e juntarão Seus escolhidos dos quatro ventos, duma extremidade do céu à outra” (*Mt* 24,31; cf. *Mc* 13,27). Finalmente, virão com Ele ao Juízo final (cf. *Mt* 25,31; *Mc* 8,38; *Lc* 9,26; *Jd* 14-15), a uma hora que nem eles, nem os homens sabem (cf. *Mt* 24,36; *Mc* 13,32). E depois consumir-se-á a missão salvífica segundo o eterno desígnio de Deus “de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (*Ef* 1,10).

Esta perfeição é mostrada, pelos Anjos enviados por Jesus, a João, o profeta da Nova Aliança (cf. *Ap* 21,9-10; 1,1-2 e 22,6.16) na imagem da Nova Jerusalém, que desce do céu, de junto de Deus, para a terra (cf. *Ap* 21,2), “revestida da glória de Deus. ... Tinha grande e alta muralha com doze portas, guardadas por doze **Anjos**. Nas portas estavam gravados os nomes das doze **tribos dos filhos de Israel**” (*Ap* 21,11-12). “A muralha da cidade tinha doze fundamentos com os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro” (*Ap* 21,14).<sup>75</sup> E a muralha que o Anjo mede coma uma vara de ouro (cf. também *Ap* 11,1-2) tinha “cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida humana empregada pelo Anjo (*mensura hominis, quae est mensura angeli*)” (*Ap* 21,17). A glória de Deus ilumina a Cidade “e a sua luz é o Cordeiro. As nações (*gentes*) andarão à sua luz, e os reis da terra levar-lhe-ão a sua opulência” (*Ap* 21,23-24; ref. a isto v. 26).

O cúmulo de toda esta beleza da Igreja consumada é a Mãe virginal de Deus, Maria, a Rainha dos Anjos e dos Apóstolos, a Mãe da Igreja e de todos os homens. Ela é “imagem e início da Igreja que se há-de consumir no século futuro” (LG 68), e nela “a Igreja alcançou já aquela perfeição

---

<sup>75</sup> A imagem da *ecclesia consummata*, mostrada pelo Anjo, corresponde à ecclesiologia que se exprime nas palavras de Cristo e na doutrina dos Apóstolos. Os nomes dos Apóstolos inscritos nos fundamentos da muralha apontam para o fundamento da Igreja edificada “sobre o fundamento dos Apóstolos e profetas” (*Ef* 2,20). A primeira pedra, que leva certamente o nome do primeiro Apóstolo – Simão Pedro – é de jaspe (cf. *Ap* 21,19), como também o é toda a muralha da Cidade Celeste (cf. *Ap* 21,18). Isto indica de maneira simbólica e figurativa a “estrutura petrina” de toda a Igreja, segundo a palavra e vontade de Cristo: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (*Mt* 16,18). Assim, Pedro aparece ainda na imagem da Nova Jerusalém como “princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão” (LG 18; cf. 19 e 21).

sem mancha nem ruga que lhe é própria (cf. *Ef 5,27*)” (LG 65). Graças à sua intercessão os portões da Jerusalém celestial abrir-se-ão para receber todos os homens redimidos e santificados.<sup>76</sup>

Então, toda a Igreja dos santos, na suprema felicidade da caridade, adorará a Deus e ao « Cordeiro que foi imolado » (*Ap 5,12*), proclamando numa só voz: « louvor, honra, glória e poderio, pelos séculos dos séculos, Aquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro » (*Ap 5,13-14*). (LG 51)

Michael Silberer ORC

---

<sup>76</sup> Cf. *Collectio Missarum de beata Maria Virgine*, n. 46: *Beata Maria Virgo, ianua caeli*, Collecta (editio typica, Vaticano 1987, 175).